

GISELDA LAPORTA NICOLELIS

Ilustrações

ROGÉRIO SOUD

Melhores dias

Virão

2ª edição — 2003

Editora

Saraiva



Copyright © Giselda Laporta Nicolelis, 2002

Editor. ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: ELAINE CRISTINA DEL NERO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Edição de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Finalização de capa: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Diagramação: ROBSON LUIZ MEREU

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicolelis, Giselda Laporta

Melhores dias virão / Giselda Laporta Nicolelis; ilustrações Rogério Soud. — 2. ed. — São Paulo: Saraiva, 2003. — (Jabuti)

Bibliografia.

ISBN 85-02-03918-0 (aluno)

ISBN 85-02-03919-9 (professor)

1. Literatura infanto-juvenil I. Soud, Rogério. II. Título. III. Série.

02-2069

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

Meu nome é Lenilson e tenho 21 anos. Quando ainda morava com a mãe, ela festejava meu aniversário, fazia bolo, essas coisas. Agora, às vezes, até esqueço o dia, ah, é 13 de agosto. Vai ver nasci numa sexta-feira, porque, por muito tempo, eu tive azar.

Foi legal conhecer você, mano; mais lega! Ainda saber que vai escrever a minha história. Quero contar tudo o que eu passei na vida. Quem sabe, sirva pra abrir os olhos de outros como eu.

A minha vida é um troço complicado. Tenho 21 anos, mas muito pra contar, mano... Garanto que nem vai acreditar.

Não é papo, não, tem coisa mesmo de arrepiar. Quando a gente sai muito cedo de casa, cai no mundo, a barra pesa... Não tenho vergonha de dizer, a minha casa, até quatro anos atrás, foi a rua; tudo o que eu sabia aprendi com os pivetes como eu. Às vezes saía tapa, gritaria, mas no fim a gente se entendia, tipo família mesmo.

Não nasci na rua, não, tinha casa, pai e mãe. Quer dizer, mãe, porque o pai sumiu eu ainda era pequeno, nem me lembro dele direito. Só o retrato meio desbotado que a mãe de vez em quando mostrava: — Este é o teu pai, Lenilson.

Homem mirrado, feio, sorrindo com pouco dente. A mãe dizia que ele bebia muito, vivia no botequim da esquina, torrando a grana inteira de peão de obra. Um dia sumiu, não deixou nem bilhete. Só um recado com a vizinha de barraco:

— Diz pra Linda que vou embora e não volto mais...

Cinco filhos. Eu era o mais novo, o caçula lá da casa. A mãe, diarista, com o tempo pôs todos pra jambrar... Crescia um pouco, já pegava no batente.

Na verdade me criei sozinho lá na maloca. Muita boca pra comer, aluguel do barraco, sacomé, não tinha essas frescuras de ficar pajeando bacuri. Uma vizinha garantia um prato de comida, a dona Maria, com mais filhos ainda que a mãe, uns 9 ou dez, por aí...

Logo cedinho, a mãe saía com a gurizada...

A Lucilene, a mais velha, arrumou emprego numa avícola, foi limpar galinha... Tinha uma birra danada do emprego, dizia que aquele cheiro de galinha grudava na roupa, nas mãos, no cabelo, um saco. E o dono da avícola, o seu Takashi, estava sempre na cola dela, exigindo mais trabalho.

Depois vinha o Lindomar, a cara do pai. A mãe nem podia olhar direito pra ele que se lembrava do safado.

O Lindomar deu sorte, foi trabalhar numa sorveteria. Logo no primeiro dia de trabalho tomou tanto sorvete que ficou dias com dor de garganta,

perdeu a voz e quase perde o emprego. Levou uns tapas da mãe, ficou até de orelha vermelha.

A Lindalva, a mãe colocou no supermercado pra carregar embrulho de madame. Só tinha menino carregador, mas a mãe insistiu tanto que contrataram a Lindalva. Uma ou outra madame dava gorjeta boa; a maioria era “mão de samambaia”, soltava uns trocos mixurucas que não garantiam nem a condução. Dia de chuva, então, a coitada ficava toda molhada, nem tinha capa de plástico pra usar. Pegava resfriado bravo que a mãe curava com chá de limão e aspirina.

Depois da Lindalva vinha o Ludenir. Esse foi trabalhar de ajudante de jardineiro do seu Francisco, vizinho nosso. Ele precisava de um garoto pra pegar no pesado: carregar as ferramentas, cortar grama, tirar entulho. Coitado do Ludenir. Logo na primeira semana, encheu a mão de bolha. A mãe consolou:

— Com o tempo, cria calo.

A mãe teve 4 filhos seguidos... depois deu uma parada. Acho que foi no tempo em que o pai sumiu pela primeira vez. Depois ele voltou e nasci eu. A mãe dizia que ele só servia pra fazer filho e bater nela, acho que deu até graças a Deus quando ele sumiu de vez.

Meus irmãos é que pagaram o pato... Nenhum deles tinha carteira assinada, trabalhavam pra burro e ganhavam mixaria. E pior: tiveram até que largar a escola pra poder trabalhar.

Sobrava eu, né? Muito pequeno ainda, ninguém queria. Então fiquei por conta da dona Maria, a vizinha. A mãe dava um dinheiro pra ela no fim do mês para o prato de comida. E eu que me virasse.

Ah, esta cicatriz no braço? Faz tempo, cara, foi quando me queimei no fogão. Deu fome, fui esquentar um resto de comida. A desgraçada da panela virou no meu braço. Só de noite, quando a mãe chegou, me levou na farmácia e puseram pomada. Doeu pra burro, deixou marca feia, ligo não, parece tatuagem...

Mas como eu ia dizendo... todo dia, nem bem amanhecia, a mãe saía com a meninada, só voltava de noite. A condução vinha cheia, chegava todo mundo meio estropiado, e a mãe ainda ia fazer janta, porque meus irmãos levavam marmita pra comer no serviço, patrão nenhum dava prato de comida, todos uns unhas-de-fome.

— O que você fez o dia inteiro? — perguntava a mãe.

— Andei por aí — respondia.

— Veja lá o que você apronta, moleque, já tenho problema demais, não se meta com malandro!

Eu ficava na minha... não tinha nada pra fazer mesmo. A mãe não conseguia vaga em escola perto de casa, só muito longe; gastar condução não dava, fazia falta pra comida. Nem meus irmãos estudavam mais por causa do trabalho.

Sem escola, sem mãe por perto, logo cedo eu ganhava a rua. Conhecia todo mundo na maloca. Quando o sol ficava mais quente, vinha um mau cheiro lá do córrego, mas a criançada nem aí; metia os pés naquela água, junto com os vira-latas — a gente brincava de pega-pega, de atirar água no outro. Depois ia todo mundo ver televisão.

O que não faltava na favela era TV. A de casa tinha quebrado fazia um tempão, mas cadê dinheiro pra consertar? Então eu via na casa da dona Maria.

Cada programa mais bonito! O melhor mesmo eram os anúncios de comida, doce, chocolate. Ficava vendo aquela gente bacana comendo cada sanduíche que me dava até água na boca... Vontade de entrar dentro da televisão e comer junto. Depois dava raiva, porque a gororoba da dona Maria não tinha gosto de nada; como ela não tinha dente, então achava que era todo mundo igual. Fazia um feijão de caldo ralo e quase sem tempero, o arroz feito papa.

Eu pensava: algum dia vou ter dinheiro pra comer o que quiser... o que esses bacanas aí na televisão estão comendo: sanduíche, doce, chocolate — a vida não podia ser sempre uma droga, podia?

Não estou me queixando, entendeu, não quero pena. É só pra você me conhecer melhor. Eu era movido a raiva o tempo todo. Se ponha no meu lugar: sem pai pra dar conselho, a mãe sempre longe, trabalhando, largado por aí... Eu tinha uma inveja desgraçada de garoto que esperava o pai voltar do serviço, lá no ponto de buzão, que ia jogar pelada no campinho, aos domingos, junto com o pai.

Eu me recusava a ser um filho abandonado feito chinelo velho. Então, pra me vingar, eu dizia pra todo mundo que o pai tinha morrido. É, eu dizia isso mesmo, dava até o nome do cemitério onde ele estava enterrado. Quem conhecia o velho não acreditava e ria... mas sempre aparecia um otário e a história colava. Me sentia tão bem dizendo aquilo, me dava um consolo tão grande! Pai morto é mais fácil de perdoar.

Foi nessa época que eu conheci a gangue do Zelão. Era um garoto alto, branquela, de cabelo tingido de loiro, uma peça. Tinha mais de dez moleques na gangue que obedeciam o chefe sem piscar.

Ele também morava na maloca. A mãe dele, empregada de uns bacanas de bairro chique, dormia no emprego e só voltava no fim da semana. Gozado que o Zelão andava sempre bem vestido: jaqueta de couro e boot de grife, argolas de ouro nas orelhas e um anelão de rubi no dedo; parecia até doutor.

Um dia, eu ia passando, o Zelão me chamou:

— Vem cá, pivete, quero um lero contigo.

Fui, só de curiosidade. O Zelão era diferente. Garanto que ele comia todos aqueles sanduíches e doces que apareciam na televisão. Quem sabe não sobrava um pouco pra mim?

— Quer entrar pra minha gangue? — perguntou o Zelão e sorriu. Depois deu uma tragada no cigarro, deixando um cheiro adocicado... Eu estava perto, até enjoiei.

— Entro, ué — eu disse, só por dizer.

— Você parece esperto, pivete — continuou o Zelão. — Se for mesmo esperto, tenho uns servicinhos... Só vai depender de você.

O resto da gangue riu às gargalhadas, um deles ainda falou:

— Essa cria de gente, aí? Tempo perdido, Zelão.

— Cala a boca! — gritou o Zelão. — Quem escolhe as crias sou eu. Esse leva jeito.

— O que é que eu tenho de fazer? — perguntei meio ressabiado. Se a mãe soubesse que eu estava falando com o Zelão, com a fama que ele tinha, ia me arrancar as orelhas.

— Uns servicinhos, já disse. Coisa pouca no começo. Depois vamos ver.

Os outros só me olhavam e riam. Riam de rolar com a minha cara. E a fumaça enjoativa do cigarro do Zelão me deixava cada vez mais tonto.

— Pois eu topo! — disse. — Topo tudo. Vou mostrar aí pra corriola quem é a cria aqui.

— Assim que eu gosto — apoiou o Zelão. — Primeiro você vai de laranja, pra pegar prática. Depois arma um pulo maior.

— Laranja, que é isso? — estranhei.

— Esse tá mais verde que limão — caçoou Nego Mano, um cara dois por três, que era assim um tipo de segurança do Zelão. O Zelão era magro e fino, e o Nego Mano, quadrado. E como um era branquela e o outro negro, a turma apelidou os dois de Café com Leite, porque onde ia um, estava o outro.

— Laranja de feira é que não é — disfarçou o Zelão. — Não esquento que mando recado.

Fiquei morrendo de curiosidade: o que seria ser laranja? Minha nossa, eu ia entrar em enrascada brava. O bando do Zelão tinha uma fama terrível...

Não falei nada com a mãe, de medo de levar uma surra... Fiquei na minha. Depois tinha chegado um circo no terreno perto da avenida, uma curtição.

Passei dias vendo o pessoal armar aquele circo...

Tinha leão, tigre, urso... um cheiro desgraçado nas jaulas, parecia até o cheiro do riacho lá da maloca.

Fiquei dando um rolé em volta do circo... e até ganhei uns trocados ajudando o pessoal: carregando caixote, enchendo balde d'água pros elefantes. Fiquei tão conhecido que até me convidaram pra ir com eles — estavam mesmo precisando de um garoto esperto pra fazer serviços miúdos.

Era uma boa idéia, não fosse a mãe. Ela era muito agarrada com os filhos. Tinha um troço se eu dissesse que ia embora com o circo. Mas que era tentador, ah, isso era!

O tempo que o circo ficou por lá não desgrudei do pessoal. Ganhei até uma entrada pra matinê e fui sozinho, ninguém tinha dinheiro pra me acompanhar; precisava aproveitar porque o circo só voltaria no ano seguinte.

Pois é, estava assistindo o espetáculo, numa boa, quando o Rato pôs a mão no meu ombro. O Rato era da gangue do Zelão; tinha esse apelido por causa do nariz comprido e dos olhos muito pequenos, parecia mesmo um rato.

— O boss mandou te chamar — disse ele, dando um sinal com a cabeça.

Olhei pro lado, vi o Zelão e a gangue inteira. Sentados nas cadeiras, sacos de pipoca nas mãos. Fui me chegando, meio resabiado...

— Já tenho um servicinho pra você, cria — anunciou. — Espera que o Rato te procura de novo.

— Que tipo de serviço, Zelão? — arrisquei.

— Olha só, a cria é curiosa. — Nego Mano riu, a boca cheia de pipocas.

— Coisa pouca, maneira, esquentá não — disfarçou o Zelão, rolando o anel no dedo. — Volta lá pra arquibancada, curte o circo.

Voltei pro meu lugar, desconfiado. Que diabo de serviço seria esse? Coisa boa não devia ser. E como é que eu ia pular fora agora? Já imaginou se Nego Mano me pegasse? Virava farofa de Lenilson.

Mas o espetáculo estava tão bonito que até esqueci o resto. Fiquei curtindo adoidado... Pena que não tinha dinheiro pra comprar pipoca. Paciência, eu chegava lá.

Já imaginou se eu fosse embora mesmo com o circo? Virava artista, com certeza. Podia aprender a ser domador como aquele ali na jaula,

enfrentando tigres e leões. Mas do que eu gostava mesmo, me arrepiava o corpo todo, eram os trapezistas... pulando de um trapézio para o outro, e nem tinha rede embaixo: que loucura, meu!

Se fosse embora com o circo, eu ia querer mesmo é ser trapezista! O mais famoso do mundo!

O espetáculo acabou e o povo foi saindo... Ainda vi o Zelão e a gangue indo embora. Me deu até frio na espinha. Eles eram da pesada. Mas sentavam nas cadeiras numeradas do circo, não sentavam? E comiam pipoca, não comiam? Quem sabe, com eles, eu melhorava de vida.

Os meus irmãos ficaram enciumados porque eu fui ao circo. Me encheram o saco. Não tinham dinheiro pra pagar as entradas. Custou eles entenderem que eu trabalhei duro, não foi de graça não.

Só não falei no convite do pessoal do circo. Do jeito que a mãe era estourada, era bem capaz de ir lá na delegacia denunciar que queriam roubar o filho dela. Eu, hein?

Isso que está funcionando aí é um gravador, né? Tá legal, pode gravar o nosso lero numa boa. Preciso mesmo desabafar. Quero contar tudo, direitinho, para que você escreva a história verdadeira.

Cansei de mentira, cara, de sacanagem. Não estou me defendendo, cada um tem a fama que merece. Mas contar a história dessa maneira, misturando tudo, inventando coisa que não existiu, como fizeram... Não está certo não.

Só um pouco de paciência que eu chego lá. Só estou contando desde o começo porque você pediu e também pra você entender melhor a minha vida.

Acho que eu devia ter ido embora com aquele circo, sabe, mano. Ia ser muito melhor. Pra mim, pra mãe, pros meus irmãos.

Viajaria pelo mundo, vendo coisa e gente diferente, lidando lá com os tigres e os leões da jaula — é mais fácil lidar com bicho que lidar com gente... te garanto, mano.

Bicho não tem a maldade que gente tem!

Foi mais ou menos nessa época que a mãe arrumou vaga pra mim lá na escola pública; ela fez de tudo e conseguiu. Amanheceu na fila, a coitada. E foi logo avisando:

— Olha, Lenilson, o ano que vem você vai pra escola...

Não gostei nem um pouco, já estava acostumado a me virar sozinho, sem hora nem mando. Ia ter hora certa, lição, xi, que contramão ela tinha me arrumado. Mas com a mãe que eu tenho, a gente não discute: obedece.

No começo do ano lá fui eu pra escola. O gozado é que quando contei pro Zelão, ele deu o maior apoio, eu pensando que ele ia achar ruim, que nada:

— Estuda sim, guri, que nessa gangue é tudo meio analfabeto. É bom que tenha alguém mais letrado, sacomé, pode pintar coisa fina enquanto a gente perambula...

Achou gozada a palavra? Ah, mano, a gente tem uma gíria só nossa, sacou? Quem tá por fora dança mesmo. É que a gente costuma dizer que rico passeia e pobre perambula... e o delegado bate B.O. de perambulação. Nem perambular sossegado a gente pode.

Mas como eu ia dizendo, o Zelão gostou da idéia da escola. Deu a maior força. E lá fui eu. A professora era boa pessoa, se esforçava muito. A gente ficava de olho mesmo é na merenda, sacou? Ouvido fino no sinal. Com barriga vazia ninguém aprende nada.

A merendeira era gente fina, fazia milagre com aquelas panelonas. Um dia, sobrava salsicha e molho, mas cadê o pão? O jeito era aproveitar junto com o macarrão... Tinha neguinho reclamando, querendo o velho cachorro-quente.

Eu traçava tudo, até o que não tinha gosto de nada; você já sentiu fome, mano? Fome dói. Depois do rango da dona Maria, quem era eu pra desprezar macarrão com molho de salsicha?

Depois da merenda a coisa melhorava, dava aquele quente gostoso na barriga; por isso a professora deixava os trecos mais complicados pra depois da merenda, não era boba nem nada, né?

A escola até que era legal. Eu estava pra lá de atrasado, e ainda na primeira série. Mas na classe tinha guri de toda idade. E muita mina também, atrasada no estudo porque teve que olhar os irmãos menores pra mãe trabalhar... Então repetia de ano, porque faltava muito e nem tinha tempo de estudar. A maioria só ficava mesmo no batente, sem esperança nenhuma de futuro; no máximo ia ser empregada de madame e olhe lá.

Lá na escola eu fiz amizade com o Chico. O Chico era engraçado. Era pardo, assim cor de café-com-leite. Mas o Chico era meio besta, não assumia a cor dele, vivia dizendo:

— Negro é você, eu sou moreno.

No começo me deu aquela raiva do Chico, tinha vontade de dar uns socos nele pra deixar de ser besta daquele jeito... A gente nasce com a cor que Deus deu, da cor do pai, da mãe, dos irmãos da gente.

Depois fui ficando com pena do Chico e nem ligava mais pra o que ele falava. Queria ser moreno, fosse moreno! E o Chico ainda dizia que só ia namorar mina branca, porque de escurinha já chegava a mãe dele — mãe a

gente respeitada. Mas andar de braço com mina escura na rua, nem morto! Gozado, o Chico. Acho que ele tinha vergonha da cor dele, era racista.

Essa história de cor é engraçada, sabe? Porque o pai é negro e a mãe, morena-clara, então cada um de nós, lá de casa, saiu de uma cor: tem assim negro como eu, tem mais claro, tem até a Lucilene, que é quase branca... O pessoal nem acredita que são todos filhos do mesmo pai, porque mãe a gente sempre tem certeza, né? Sai da barriga, não tem dúvida, mano. A natureza caprichou adoidado na minha família.

Mas o Chico, tirando essa besteira de cor, até que era legal. Um amigão. Já trabalhava numa oficina mecânica; saía da escola e pegava duro no batente. Até me ofereceu emprego por lá, estavam precisando de outro guri.

Nem contei pra mãe, senão ela se entusiasmava e lá ia eu pra oficina. Meu negócio era outro: o Zelão tinha me prometido grana se eu fizesse um serviço.

Então, um dia, o Zelão apareceu, mais a gangue, e ordenou:

— Amanhã te prepara, pivete, que a gente vai fazer um arrastão... é dia dos bacanas irem pra praia, pro shopping, as casas ficam vazias.

— E como a gente vai?

— É longe. Se não tiver carro, a gente vai de buzão.....

— buzão? — reclamei. — Pô, que mixuruca!

— Sossega, que eu dou um jeito.

— E o que eu vou fazer?

— Você vai de laranja, moleza.

Nem dormi direito aquela noite... Eu ia estrear na gangue do Zelão. Me deu assim um nó na garganta, não sei se de medo ou emoção.

Lá pelas tantas o Zelão passou pelo barraco e me chamou. A mãe me peitou feio:

— Essa gangue é da pesada, Lenilson, o que eles querem contigo?

— Não esquenta, mãe — eu disse. — É uma pelada no campinho, só isso.

— Olha lá, olha lá, já não chega a minha cruz? Não vá me arrumar mais problema...

Deixei a mãe falando e saí com a gangue. O Zelão parecia eufórico:

— A gente não vai mais de buzão, olha só o que eu arrumei...

Aí olhei e vi, na frente da maloca, um carrão novinho em folha. E, lá na direção, estava Nego Mano todo prosa.

— Quando foi, Zelão? — perguntei, querendo saber os detalhes.

— Ontem de tarde. A madame marcou bobeira. Eu ia passando, justo na hora em que ela deixou o motor ligado pra fechar a garagem... Não deu nem trabalho.

— Ela não percebeu?

— Perceber, percebeu. Veio até correndo atrás de mim, quando eu já estava entrando no carro...

— ...e ela fez o quê? — Arregalei o olho, não querendo perder nem um lance da história.

— Não teve medo não, a danada. Ainda pediu os documentos dela, que não tinham serventia pra mim. Uma pasta dentro do carro com imposto de renda, essas coisas...

— E daí, Zelão?

— Daí eu agi na mão grande, né? Apontei pro cano na cintura e falei grosso:

— Cala a boca, tia, senão eu te apago!

— E ela calou?

— Aí calou, né, nem era besta de continuar... E eu pisei na tábua. Por isso a gente vai motorizado fazer o arrastão.

Lá fomos nós para o bairro dos bacanas... Imagine se a mãe soubesse. Ia dizer que eu estava virando moleque perverso; eu até podia imaginar o que ela ia dizer.

E daí — e daí?

Eu não tinha pai, não tinha nada a perder, estava cheio de raiva, cansado de ser miserável, de não poder comer coisa boa que via lá na televisão. E o Zelão disse que ia ser uma coisica à toa bancar o laranja; mais fácil que tirar doce de guri.

A gente rodou um bocado, depois parou numa esquina. O Zelão desceu, dizendo:

— Se espalhem por aí, sem dar bandeira, que eu vou dar uma geral...

A gente desceu do carro e Nego Mano comprou sorvete pra todo mundo numa padaria, só pra disfarçar — ele até pagou. O Zelão já vinha voltando e disse baixo:

— Venham comigo que tá no papo.

A gente no total era cinco, não veio a gangue inteira pra não chamar a atenção, e nem ia caber no carro. Cinco já era perigoso, porque a gambé andava de olho em carro apinhado, às vezes até mandava parar, pedia documento.

Nego Mano ficou na tocaia, pra avisar em caso de alguma novidade, era especialidade dele. O Rato ficou na direção, com o motor ligado. O Zelão, eu e o Formiga fomos indo em direção ao lugar marcado...

A gente rodeou a casa, não tinha cachorro, ou ficava preso no fundo. Tinha grade nas janelas também, mas numa janelinha menor, não. Então o Zelão falou:

— É por aí que você vai se espremer, laranja!

Sempre fui magro, fininho mesmo. Meu apelido na maloca era Lingüiça. Acho que foi por isso que o Zelão me escolheu pra laranja. E nem é moleza, não. A gente tem de se espremer como artista de circo pra passar pelas janelas... Às vezes fica até entalado e vem o pânico.

Naquela eu passei fácil, fácil. A casa dava pra uma pracinha, e tudo no maior sossego, os caras viajando, dormindo ou passeando. E ainda por cima os donos da casa marcaram bobeira porque deixaram o vitrô aberto e a porta da cozinha com a chave na fechadura pelo lado de dentro. Foi só abrir e a gangue entrou numa boa. Zelão sorriu:

— Passou na prova, guri!

Então foi a vez do Formiga. Cada um tinha uma especialidade: como eu disse, Nego Mano vigiava, o Zelão comandava, eu me espremia e o Formiga carregava.

O Formiga era baixo e atarracado, e não tinha cara de nada, sacou? Como é isso? Ora, a cara era meio amassada, porque levou um soco bem no nariz, uma vez que foi preso, daí o nariz ficou esborrachado feito jogador de boxe. O olho dele era de uma cor desbotada, e a boca tão pequena que parecia um risco de giz; então ele não tinha cara de nada, pô, nem de perfil nem de frente!

Mas o Formiga não brincava em serviço, escolheu os melhores bagulhos lá da casa: videocassete, aparelho de som, televisão... Ele fez um rol de lavanderia, mano. Quando estava tudo empilhado numa boa, o Zelão deu um assobio comprido, o sinal combinado.

Aí o Rato veio com o carro, que a gente encheu de bagulho. Tinha até garrafa de uísque importado: o Zelão abriu e deu pra gente tomar um gole no gargalo mesmo.

Foi uma sopa. De lá a gente voltou pra maloca, e descarregamos todo o equipamento no barraco do Nego Mano. Ele morava sozinho e o barraco dele era o esconderijo da gangue.

Então o Zelão passou uma nota pra mim:

— Teu pagamento, cria!

— Pô! — reclamei no ato. — Só isso? Eu estava esperando muito mais! Se não fosse eu, tu não entrava naquela casa, pô!

— O garoto tem razão — apoiou o Formiga. — Tá ficando mão de samambaia, ó Zelão.

— Pois vou dar um presente prele muito mais valioso — replicou o Zelão e acendeu aquele cigarro gozado, aí eu senti o cheiro adocicado de novo.

— Toma aí, pivete, faz a festa!

Eu não era cabeção, nunca tinha fumado um baseado pra valer. Vez ou outra apanhava uma guimba lá no chão da maloca, não dava nem pra sentir o gosto; acendia, acabava.

Então aquele bruxo me acendeu a vontade. Sacomé, moço, estava me sentindo muito importante ali, na gangue do Zelão. De ser útil pra gangue. Eu pensava: aquilo era a melhor coisa que podia ter me acontecido. Fui ficando tonto, leve, parecia que ia voar... Ainda ouvi Nego Mano falar:

— Vai devagar, guri!

Puxei mais umas tragadas e mareei feio; precisaram até me levar pro barraco, ainda meio zonzó, os olhos vermelhos e a voz enrolada... A mãe quase teve um troço:

— Andou bebendo, menino, o que você aprontou agora?

Será que a mãe imaginava o que estava acontecendo? Mesmo tonto, eu tinha escutado o Rato dizer:

— Esse não tem estrutura pra erva, precisa de cigarrinho com filtro.

E eles riam que riam da minha cara, me deu um ódio! Eu ia mostrar pra eles a minha estrutura!

No dia seguinte, passei pelo Zelão, na maloca, nem reconheci a peça: ele precisou me chamar. O Zelão de loiro agora tinha virado moreno, o cabelo tingido de preto. Só não pôde tingir os olhos azuis dele. Mas disse que ia comprar lente de contato de várias cores pra mudar também a cor dos olhos quando precisasse.

Ele também tinha passado gel no cabelo, que era crespo e ficou liso. Se ele não chamasse, nunca ia descobrir que era o Zelão.

— Cadê o carro?

— Ah, larguei por aí, pra gambé achar. Já teve a sua serventia. E deixei também os documentos da madame e o tal do imposto de renda. Não me serviam pra nada mesmo. Só fiquei com o talão de cheque e a bufunfa.

Ao que o Rato comentou:

— Talão de cheque é fria, a essa altura já está tudo bloqueado lá no banco.

— E daí? — O Zelão riu. — Você sabe, eu sei, mas os carinhas não sabem, né? É só arranjar uma piranha pra passar os cheques pros otários, ou dizer que é cheque da mamãe. Em último caso eu negocio eles lá no centrão. Cheque especial, mano, mercadoria cobiçada, voa pelo país inteiro.

Os dois caíram na risada e o Rato completou:

— E a madame vai dar queixa de um cara loiro... Então os gambés vão procurar um loiro, né? Tu é um gênio, Zelão!

— Mas e o olho azul? — eu disse e logo me arrependi, porque o Zelão me fuzilou com cara de poucos amigos.

O Zelão tinha me dado uma mixaria pelo assalto. Mas ele prometeu que, na próxima vez, ia ser melhor porque eu tinha passado no teste.

Com a grana, comprei um pote de cola de sapateiro, diziam que era legal. O cara vendeu numa boa, nem perguntou pra que era. Eu tinha até desculpa engatilhada: o pai consertava sapato, mas nem precisou, moleza.

Saí e fui dar uma fungada num campinho... Tinha uma gurizada por lá, de rua mesmo, era o território deles. Perto ficava uma avenida muito movimentada onde vendiam doces nos faróis, limpavam pára-brisas de carros. Alguns assaltavam as madames que dirigiam sozinhas, de vidro aberto — ameaçavam com faca ou gilete, e, apavoradas, elas soltavam o milho numa boa.

Eles me convidaram pra ficar com eles. Mas eu contei da mãe, disse que ia até na escola. Então eles disseram que, quando cansasse da mãe, da escola ou dos dois, o meu lugar estava garantido.

Dei fungada um tempo até ficar doidão, mano. Me ensinaram até o sistema legal de botar a cola num saquinho plástico para o barato ficar mais forte.

Voltei tão alto pro barraco que os meus irmãos ficaram com medo de mim. Olhavam ressabiados pro meu lado. E a mãe só falando e falando:

— Que jeito esquisito é esse, menino, parece bebum como o teu pai...

Nem sei como fui na escola no dia seguinte: acordei meio bambo. Mas levei a cola. Durante o recreio, me escondi no banheiro e dei aquela fungada. Veio uma moleza tão boa, ficou tudo fácil, bonito, até esqueci que morava

em maloca fedorenta, num barraco cheio de furo por onde escorria água de chuva, que a mãe aparava em panela.

O Zelão disse que eu tinha futuro, tinha passado no teste. Ia progredir na gangue, ser peça importante.

Trabalho foi o que não faltou. O Zelão me ensinou a cartilha inteira: me pôs pra trombar no centrão velho — cansei de arrancar pulseira e corrente das minas, era só ficar de butuca. Deixa eu contar como era.

A gente se posicionava mais ou menos como nas casas. Eu, o Nego Mano, o Rato e o Formiga. O Zelão ficava de fora pra escolher os otários. Daí ele dava um sinal combinado e o Nego Mano fingia que empurrava, assim na confusão. Então a gente dava as trombadas...

No final do dia a gente juntava tudo e levava pra um ourives que mantinha o caldeirão fervendo, aquele tacho onde se derrete ouro. Era só chegar e pimba! Tudo lá dentro. Limpo, numa boa. E o milho era bom. A gente subia e descia maneiro dos elevadores do prédio dele. A ordem do Zelão era não trombar ninguém por ali, pra não dar bandeira.

E depois o tal ourives punha as jóias bonitinhas na vitrine e cobrava os tufos; e ainda posava de honesto, o sacana.

Trombei muito na feira também, levando carteira de madame, e até um carrinho cheio que a mãe assustou quando cheguei no barraco:

— Que é isso, Lenilson?

— Fiz feira procê, mãe, tá contente?

— Mas comprou até o carrinho, filho?

A mãe acho que não desconfiava, porque eu dizia que fazia uns bicos lá na oficina mecânica onde o Chico trabalhava. Só ficou meio cabreira quando dei pra ela, no Natal, uma corrente de ouro com medalha, que eu trombei lá no centrão.

A escola? Ah, eu continuava indo, mas não era bom aluno, não. Faltava muito, dependia se eu tinha de fazer um trabalho com a gangue. Aprendi a ler e a escrever e algumas coisas, fui até a quarta série — depois acabei não indo mais, cansei de escola.

Foi nessa época que a Lucilene, a minha irmã mais velha, começou a chavecar: um carinha branco e de olho verde. A Lucilene era morena-clara, puxou a cor da mãe; o chaveco parece que ia dar até em casamento.

A Lucilene trouxe o Marcelo pra conhecer a família. Acho que ele já sabia que a gente morava em barraco, porque a mana nunca escondeu isso. Só não estava preparado pro resto...

Quando me viu, perguntou:

— É amigo seu, Lucilene?

— Não, ele é meu irmão caçula, o Lenilson.

O Marcelo fez uma cara de surpresa, acho que ele pensou: “Entrei de gaiato”. Ali cada irmão tinha uma cor, pô! E era tudo filho do mesmo pai e da mesma mãe, por isso ficava ainda mais engraçado. Mas fiquei curioso também: será que o amor do Marcelo pela Lucilene resistia a tanta mistura de cor? Ia pagar pra ver!

A dona Maria, a vizinha que antes dava o prato de comida pra mim, também tinha uma penca de filhos, mas ela era diferente da mãe, que só casou uma vez. A dona Maria teve três maridos, e os três sumiram...deixando a filharada pra ela cuidar. Aliás, o que tinha de mulher chefe de família ali na maloca não estava escrito, mano. Os homens se escafediam e deixavam a mulherada responsável pelos filhos, como desse e viesse. Sacomé, numa moleza, faziam e se iam.

Às vezes eu penso que mulher, quando se apaixona, fica meio burra; acha que o homem dela, por pior que seja, vai sempre melhorar, mudar de vida. Ou então que o segundo marido ou companheiro vai ser diferente do primeiro e daí por diante. Acredita em tudo o que o carinha diz. Pois não ouvi contar que tem umas piradas que querem se casar com cara preso por estupro e homicídio de mulheres? Mandam carta se declarando. Acontece até no estrangeiro, quando o sujeito já está no corredor da morte... Isso só pode ser um tipo de doença, me diga você, mano.

Não sou machista, não; homem também fica meio besta quando se apaixona, já passei por isso. Acho que paixão emburrece todo mundo: a gente só enxerga o que quer. É tão bom fazer de conta, né? Depois, quando cai na real, sai da frente, é pior que ressaca, é veneno puro.

Mas, voltando ao assunto, o Marcelo era gente fina, não recuou. Ele ficou o maior amigo da gente. E a mãe, feliz da vida.

Só não parecia feliz era comigo. Eu chegava sempre com umas coisas diferentes lá no barraco, e ela já não acreditava que eu estivesse trabalhando. Até que um dia o Chico me parou na rua:

— Veja onde se mete, rapaz! A sua mãe esteve ontem na mecânica procurando por você. Onde já se viu dizer que trabalhava lá? Me pôs na maior sinuca, cara!

— E o que você disse?

— Enrolei, né, disse que talvez você trabalhasse em outro lugar, que ela fez confusão. Qual é a sua, Lenilson?

Nesse dia a coroa me encostou na parede, mano. Queria saber direitinho onde eu arrumava a grana e as coisas que eu trazia para o barraco.

Acontece que eu criei coragem e exigi do Zelão minha parte em cada arrastão. Essa história de ficar me dando uns trocados já era. Se não fosse eu me espremer naqueles vitrôs, ninguém entrava, né? Sem falar em arriscar a pele dentro da casa. E se ficasse preso lá dentro? Quem achava a vaca era eu, eles só tomavam o leite.

Então o Zelão começou a me dar uns aparelhos de som, umas tevês, umas miudezas pra levar pra mãe... fora o que eu trombava por aí, por minha conta e risco, fiquei autônomo, sacou? E não entregava pra gangue, porque não era otário nem nada. E nunca que o Zelão ia descobrir, eu fazia na moita.

A mãe nem quis saber, me disse poucas e boas: que eu estava no mau caminho, que filho marginal ela não queria em casa, que se enchesse a paciência dela me mandava pra Febem... daí eu ia ver o que era bom pra tosse.

Eu me fiz de santo: “qual é, coroa, qual é? Está me estranhando? Trabalhando duro depois da escola, pra receber salário no fim do mês, ajudar nas despesas; trazendo presente, só pensando em melhorar a vida da gente, e recebo isso em troca. Que ingratidão, pô!”.

A mãe nem aí, foi gritando tudo de uma vez só: que eu vivia de olho vermelho e juízo ruim, de tanto dar baforada, que o Chico pensava que ela era trouxa, mas ela não era; eu não tinha emprego nenhum, aquilo tudo que aparecia em casa era produto de sacanagem, eu tinha virado marginal, metido com a gangue do Zelão, onde ninguém prestava, inclusive eu!

A mãe me encheu a paciência. O pior é que eu estava metido até o pescoço em mutreta. Tinha largado até a escola. O tempo todo eu ficava à disposição da gangue, ou puxando bagulho: virei mesmo cabeça. E, acostumado com a grana fácil, agora eu era como um cachorro querendo agarrar o próprio rabo, virando em volta, num beco sem saída...

Foi quando o Zelão avisou que a gente ia fazer um big arrastão num prédio de bacanas. A gangue se reuniu e bolou um plano pra ninguém pôr defeito.

O arrastão ia ser no dia primeiro do ano, logo cedinho. Tinha muita gente viajando, e quem estivesse em casa provavelmente estaria dormindo, depois das festanças de fim de ano. E a gangue ia agir na mão grande, quer dizer, menos eu, que nunca tinha chegado perto de um cano antes.

O Zelão descolou uma perua maneira, forte na queda e ligeira no asfalto. Estacionamos perto do prédio: uma beleza, devia ter até piscina — esses bacanas moram bem.

Eu, como sempre, era peça fundamental no jogo: me aproximei da guarita do porteiro, com uma caixa de melões nas mãos (antes o Zelão já tinha descolado o nome completo do morador do apê de cobertura, paquerando a empregada do dono, que, inocente e seduzida pelos olhos azuis do Zelão, deu o serviço completo).

O porteiro botou a cabeça pra fora da guarita, perguntou o que eu queria.

— Entrega pro doutor fulano de tal! — avisei.

— Está viajando — ele confirmou o que eu estava careca de saber.

Mas a ordem era ficar no blablablá com o porteiro pra ganhar tempo:

— Mas preciso entregar essa encomenda urgente, meu patrão é amigo íntimo aí do doutor. Vai ficar uma fera comigo se não entregar antes do almoço, tá vendo, é fruta fina.

O porteiro abriu um pouco mais a porta da guarita, meio irritado:

— Mas eu já disse que não tem ninguém no apartamento dele. A família toda está viajando...

— Então fica com a encomenda, meu chapa, entrega quando der, olha, tá cheiroso pra burro, e eu posso voltar sossegado e dizer pro meu patrão que o presente foi entregue.

O porteiro ainda hesitou, mas achando a minha cara confiável cometeu o erro esperado: saiu da guarita e abriu o portão pra apanhar a caixa...

Aí foi no ato.

Num relance, já estavam os quatro da gangue atrás de mim, o Zelão apontando o cano pra cabeça do porteiro:

— Pra dentro da guarita, cara, e de bico calado, senão te apago aqui mesmo!

Isso foi bem cedo, logo às sete da manhã. Não tinha viva alma na rua, e o prédio, de tão silencioso, até parecia deserto.

— Canta aí todos os caras que estão viajando — falou o boss para o porteiro, enquanto a gangue aguardava a ordem de comando. A idéia do Zelão era boa: mais fácil fazer o arrastão em apê vazio do que arriscar que outro morador chamasse a gambé, enquanto a gente arrombava a porta.

Informação dada, o Rato ficou com o porteiro, e o resto subiu até a cobertura. Daí era só ir descendo e carregando... A gente tinha até celular pra se comunicar com o Rato.

O Zelão era prático em abrir porta. Não demorou muito, ainda mais com o apê vazio. O cofre, porém, deu mais trabalho. Foi preciso um pé-de-cabra de

um metro e oitenta, mano, uma loucura! Também com a espessura do bicho... Aquele cofre prometia! Ninguém compra um brinquedo daqueles pra guardar mixaria, concorda?

Quando conseguimos abrir o cofre, nem te conto, foi um colírio para os olhos, uma verdadeira festa!!!

Tinha pilha das verdinhas (quem seria o otário que guardava tudo isso em casa? Devia ser de caixa dois, sei lá, pra não pagar imposto pro governo); relógio de tudo que era marca, daqueles que a gente tromba dos bacanas nos faróis; e um monte de jóia, que eu arregalei os olhos. Aquele cofre, mal comparando, parecia a caverna de Ali-Babá.

E a cobertura ainda reservava mais um tesouro: o cara era vidrado em armas, mano, tinha uma coleção completa. Até metralhadora AR 15, belezoca de lambar os beiços.

A gente fez uma colheita tão farta que desistiu de fazer o arrastão no prédio inteiro. Só com os dólares do bacana, ia dar pra viver muito tempo numa nice.

Enchemos as sacolas com aquilo tudo e decidimos ir embora... O Zelão avisou o Rato, lá na guarita com o porteiro:

— Já estamos indo, antes que as andorinhas apareçam! (A gambé andava pelos bairros grã-finos, dando umas incertas...)

Foi aí que sujou.

Um dos moradores, daqueles que madrugam, desceu pra comprar pão na padaria da esquina. O Rato (fiquei sabendo depois) deu sinal para o porteiro abrir o portão. Na volta da padaria, o homem estranhou que o outro não tinha cumprimentado nem nada, ainda mais que era dia de Ano-Novo...

Então, desconfiado, bateu na porta da guarita:

— Tudo bem, seu Zé?

Foi aí que o Rato marcou bobeira.

Escancarou a porta, já de três oitão na mão, fazendo estrago:

— Pra dentro, de bico calado, senão morre...

Ficaram os três apertados lá na guarita, enquanto a gente descia, sem problema. De certa forma os outros moradores do edifício deviam agradecer o da cobertura por ter tanta coisa boa no tal cofre. Se livraram numa boa. (Acho que os anjos da guarda deles estavam de plantão nessa manhã; o resto do dia podiam até dormir descansados na beira da piscina, lindona, que eu olhei lá da janela do apê.)

Acontece que o tal homem que o Rato burramente botara pra dentro da guarita era um juiz aposentado, tão certinho que a gente podia acertar o relógio por ele (isso eu também fiquei sabendo depois).

Ele demorou tanto, que a mulher dele desconfiou e ligou pelo interfone. Vai ver ela tinha visto pela janela o marido voltar da padaria... O seu Zé deve ter dado alguma desculpa, mas ela era mais desconfiada ainda que o marido. Discou o 190, mano, e disse que o marido era autoridade, entrou no prédio e não subiu, e o porteiro estava com uma voz muita estranha e por aí.

Não demorou nada, vieram três camburões e a gambé cercou o edifício, bem na hora em que a gente estava saindo, as sacolas pesadas do arrastão.

Aí foi uma confusão dos diabos...

Os gambés vieram pra cima da gangue gritando como loucos:

— Larga a arma, larga a arma!

O Rato amarelou, jogou o cano e saiu da guarita de braços pra cima.

O resto da gangue recuou pra dentro do prédio... Então foi aquela fuzilaria que nem sei quem começou primeiro.

Eu me escondi no vão da escada e era só tiro pra cá e tiro pra lá por cima da minha cabeça. Eu só pensava: acabou, nunca mais vou ver a coroa.

Nem sei quanto tempo durou aquilo... A gambé atirava, a gangue respondia. E o Zelão berrando:

— Daqui só saio morto!

Mas quem caiu morto foi um gambé que levou um tiro bem na testa! Eu vi, foi Nego Mano quem acertou. Ele tinha uma pontaria medonha.

Os companheiros do morto então vieram pra cima da gente feito loucos. Nego Mano pulou no vão da escada e botou o cano bem na minha mão:

— Segura o cabrito!

— Pra quê? Nem sei atirar.

— Claro que sabe, acabou de apagar o gambé...

— Ficou louco? Foi você!

Nego Mano cerrou os dentes:

— Apagou sim. E vai confessar direitinho. Se falar o contrário, eu é que te apago, entendeu, pivete?

Nem cheguei a responder porque a gambé já estava em cima da gente, enquanto Nego Mano gritava:

— Eu me rendo, não atirem, eu me rendo!

Um deles botou um três oitão na minha cabeça, berrando:

— Larga a arma, seu desgraçado!

Algemaram Nego Mano ali do meu lado. O Zelão, o Rato e o Formiga foram levados aos tapas pra fora do prédio.

Foi então que eu percebi, sem sombra de dúvida, que tinha me ferrado.

A gambé dividiu a gangue nos camburões e lá fomos nós... Eu, o Rato e o Zelão no mesmo carro. O Zelão estava muito ferido, tinha levado um tiro no peito. Jorrava sangue dele, o maluco estava na pior. Eu até pensei que a gente fosse direto pro hospital.

Mas o motorista do camburão continuava rodando, rodando, fazendo hora pela cidade, como se fosse um tour pra turista, sacou? E os gambés só olhando o sangue jorrar e tudo ficando ensopado... Me deu o maior nojo, mano.

Eu estava gelado por dentro e por fora, sabia que ia entrar na maior fria: a gambé não brincava em serviço. Sentia a cara inchando das porradas que eu tinha levado. Olhei para o boot importado, agora todo sujo do sangue do Zelão. Aí pensei: quem mandou não ouvir a mãe, seu imbecil? Como é que você sai dessa agora?

Quando a gente finalmente chegou no pronto-socorro de um hospital público, já nem adiantava mais: o Zelão estava mais apagado que fogão de pobre. Foi só trabalho de tirar ele do camburão, passar lá pelo médico de plantão (que já devia estar acostumado com a gambé levando defunto rodado) e seguir pro IML, que por sinal era ali do lado mesmo. E ainda ouvi um gambé explicando para o atendente:

— Era o chefe da gangue e reagiu.

Dali a gente foi direto pra delegacia. Lá já estavam o tal juiz, a mulher dele e o porteiro de testemunhas (foi aí que a burrice do Rato veio à tona, puro Zé Mané).

Quando chegou a minha vez de trocar idéias, Nego Mano virou de lado e murmurou entredentes:

— Se liga, pivete! Não esquece o que eu falei.

Fiquei entre a cruz e a caldeirinha, como dizia a mãe: entrar na fria era ruço, mas encarar Nego Mano, nem pensar. Pra me livrar de Nego Mano, eu confessava tudo. Por isso, quando o delegado perguntou quem tinha apagado o gambé, declarei em alto e bom som: “Fui eu, doutor!”.

- Quantos anos você tem?
- Sou “de menor”, doutor — respondi, engolindo seco.
- A arma estava na mão dele — confirmou um gambé.
- E ele estava sozinho?
- Com o negão aí, no vão da escada.

Nego Mano atravessou a conversa:

- Ele é um pivete maluco, doutor. Ainda pedi pra ele não apagar o gambé. Mas ele sempre age na mão grande.
- Cala a boca, quem fala aqui sou eu — interrompeu o delegado. — Você é maior de idade?
- Ah, sou sim — confirmou Nego Mano. — Mas quem apagou o gambé foi o pivete. Entrou de gaiato.

Mas o delegado desconfiou que fosse treta e insistiu:

- Foi você mesmo quem atirou no policial?
- Fui eu sim — repeti.
- Você tem família, garoto?
- Tenho, sim, doutor, lá na maloca do Cantagalo. Manda avisar a coroa, por favor, ela é gente decente, ganha a grana no duro, é faxineira.

Aí o delegado me mandou para o juizado de menores e acabei na Febem, mano, como a mãe dizia. Boca de mãe é uma coisa! Nego Mano, Rato e o Formiga, que eram “de maior”, foram para o xilindró, presos em flagrante.

O Zelão, fiquei sabendo depois, enterraram como indigente. Ele não tinha documento; ficou uns dias lá na geladeira do IML, mas ninguém apareceu pra reclamar o corpo. Acho que nem a mãe dele soube, ou preferiu ficar na dela.

Aí começou o pior. Eu nem gosto de falar desse tempo, sabe? Depois está todo mundo careca de saber, dá em tudo que é jornal, né?

Só vou dizer umas coisas, de leve.

Lá na Febem, mano, a gente podia ser aluno ou professor. Eu explico. Quando o pivete chega muito verde na unidade, não sabendo das coisas, ele logo acha um professor pra trocar idéias e aprender a ficar perverso, a fazer arrastão na mão grande, onde conseguir um cano ou uma quadrada de número raspado pra não se descobrir a origem dela.

Lá sempre tem especialista de tudo, por exemplo: arrancar cebolão de marca famosa nos faróis, quando a privacidade marca bobeira... braço pra fora do carrão. Mesmo de vidro fechado, é só mostrar o cano ou a quadrada, ainda que seja de brinquedo, que a coisa se resolve, numa nice.

No meu caso, fiquei no meio do caminho. Tinha coisa que eu sabia de cor e coisa que eu ainda não sacava, então me diplomei com honra e mérito.

O pior mesmo era ficar de tranca, a sensação de ser um bicho na jaula. Ou então sentado, durante horas, no pátio, um encostado no outro, sem se mexer.. uma tortura. Se ao menos a gente praticasse algum esporte, fizesse algum trabalho, sei lá.

Bobeou, os funças chegavam berrando:

— Na cola!

Era a senha: testa na parede, lá vinha a croca, com corrente, pedaços de madeira ou de ferro. Alguns funças, que a gente chamava de ninjas, vestiam touca pra disfarçar. Outros vinham de cara descoberta mesmo.

Tinha uns com mais humanidade, sempre tem, mas a maioria não queria papo, era só na pauleira. E depois ainda inventavam que a gente é que se espancava pra pôr a culpa neles — dá pra acreditar?

Banho era entrar e sair, nem dava pra se lavar direito. Pouco chuveiro pra muita gente; sabonete era bem de todos, e trocar de roupa, um milagre. Resultado: o pessoal vivia com sarna, se coçando feito cachorro. E o pior é que passava um pro outro. Eu te pergunto, mano: adiantava alguma coisa, reeducava alguém aquela pocilga, que a gente até chamava de “unidade espancacional”? Só alimentando o ódio, virando fera acuada.

Eu sentia falta de dar uma fungada ou puxar um baseado... Não era como antigamente, que arrumava a bufunfa e pronto. Mas sempre se dá um jeito. Quando conseguia uma latinha de cola ou bagulho, a gente dividia, afinal era tudo maluco mesmo.

O negócio era ficar ligado para aproveitar a deixa. Às vezes pintava quiaca, e aí daquele que bancasse o gaiato, tipo dedo-duro; era crime sem perdão. Se fosse jurado de morte pela maioria, era encomendar a alma que não demorava... A casa levantava, e aí virava veneno: vi muito neguinho ser malhado, espetado, até degolado, depois queimado, como Judas em sábado de Aleluia. Estremeço de pavor quando me lembro, mano.

Tinha também o negócio da solidão, cara. Ficava imaginando a coroa, lá na maloca, os meus irmãos... ganhando mixaria, é verdade, mas com liberdade, podendo ir pra onde quisessem. O que eu tinha ganhado com aquela vida de bandido? Acusado de um crime que não cometi, traído pela própria gangue, fechado ali, no X, como bicho, dormindo em jega sem

colchão, levando croca de funça e morrendo de medo de ser atacado no escuro.

A gente trocava muita idéia lá na Febem. O que ia fazer quando ganhasse o mundão...

Sempre fui garanhão. Aos treze, eu já tinha começado a transar. Gastava toda a grana em roupa e boot de grife, para freqüentar baile funk, aquele pancadão me enlouquecia. Engraçado que, antigamente, mano, funk era coisa de morro e de periferia, e hoje virou música de grã-fino, em boate de luxo.

Minha vida, além da gangue, girava em torno de roupa, baile, mulher e motel. Mas sonhava também em encontrar a mina certa, pra transar numa boa, formar até família. Não queria cachorra, queria uma potranca legal, só pra mim.

Mas lá na Febem a gente se virava como podia, né? Até formava família lá dentro: pai, mãe, filhos, por aí. Acho que era um jeito de consolo, de fazer de conta que não era sozinho no mundo.

Agora que o Zelão tinha se finado, e a gangue estava toda em cana, fiquei meio órfão. E, pra falar a verdade, estava cheio de ser mandado, de bancar o laranja, o otário. Era hora de encarar, sacomé? E a primeira coisa que eu precisava era fugir dali.

A coroa, quando soube que eu estava na Febem, foi me visitar, levou um jumbo caprichado. Até me deu uns trocados. Meus irmãos nem apareceram. A coroa, essa chorou pra burro, disse que cansou de dar conselho, sabia que mais dia, menos dia eu entrava em fria, porque de perverso virei marginal, então eu ia ser a morte dela. Já não chegava o pai, sempre nos botequins da vida e depois sumido no mundo! Ela se culpava:

— Onde foi que eu errei, meu Deus?

— Chora, não, eu dizia, passando a mão na cabeça dela. Os cabelos tinham ficado brancos; de repente ela parecia mais velha. Coitada da mãe!

A coroa ia sempre lá, dia de visita ela não faltava e me dava pena: as pernas cheias de varizes, os olhos inchados de tanto chorar — que é que eu podia fazer? Só disse, pra servir de consolo, que não era assassino coisa nenhuma, que foi Nego Mano quem apagou o gambé, quando a gente fez o arrastão no prédio... Ela se revoltou:

— Vou na polícia contar a verdade, isso é injustiça, não pode ficar assim.

Eu supliquei:

— Pelo amor de Deus, mãe, isso fica sendo o nosso segredo. Nego Mano tem os vigias dele por toda parte: se eu bancar o gaiato, aí sim que você vai chorar, por presunto fresco.

Ela me olhou como se não acreditasse no que ouvia. Eu insisti:

— Posso confiar, mãe?

Ela só fez que sim com a cabeça e foi embora, ombros curvados, como se carregasse o peso do mundo...

Ainda fiquei uns tempos na Febem, me virando como carne no espeto... A gente sempre se vira como pode, né? Até consegui um bonde para outra unidade, onde tinha oficina de marcenaria. Eu sempre curti madeira, então aprendi um pouco enquanto estive por lá. Era melhor que ficar sentado durante horas naquele maldito pátio.

Lá também tinha um carinha maneiro, um assistente social, levava a gente numa boa. Na conversa, sacomé? Perguntando da família, dos coroa. Engraçado, tudo que eu respondia, ele anotava num caderno: que o pai bebia, batia na mãe, depois foi embora; que eu tinha uma pá de irmãos, morava em maloca, vivia largado e fugi da escola, e por aí.

Sempre gostei de trocar idéias, então dei o mapa da mina: queria saber tudo, não queria? Como fui aliciado pela gangue do Zelão, como aprendi a trombar nas praças e esquinas, a fazer arrastão em casa e prédio. Minha especialidade era bolso traseiro de coroa e colar de madame: tem de ser muito ligeiro para o coroa não perceber ou o pescoço da dona não vir junto.

Um dia... ele até perguntou se eu tinha apagado mesmo o gambé. Ou disse isso por medo ou ameaça de alguém. Aí, mano, engasguei feio. Fiquei gaguejando, porque ele pisou no meu calo favorito, né?

— Você entrou de gaiato, não foi? — disse o cara.

— Isso eu não posso confirmar — respondi.

— O que você quer para o seu futuro? — ele insistiu.

— Não penso no futuro, não. Quero mais é sair pra dar um rolé... achar uma potranca legal.

— Só isso, Lenilson?

— Ah, não penso no futuro, não.

— Você já disse isso. O que é o futuro pra você?

O cara era dez, mas às vezes enchia a paciência. Queria meter o bedelho na minha vida, pô! Quem devia ver a parada era eu, sou uma privacidade, não sou?

— Ah, o futuro, sei lá. O futuro é uma criança!

Arrumei um mano lá nessa unidade, o nome dele era Gibi. Pardo, como a maioria, e pra lá de esperto. Já tinha entrado e saído uma pá de vezes.

Fugia, trombava, era apanhado pela gambé e vinha de volta... Até costumava dizer que tinha saído pra se vingar dos bacanas. E voltava porque sentia saudade.

Claro que era gozação, né, ninguém no seu juízo perfeito podia ter saudade da Febem. O Gibi era tão pequeno que sempre passava por “de menor”, enganava todo mundo. A idade verdadeira acho que nem ele mesmo sabia.

Foi o Gibi quem perguntou se eu queria fugir com ele na próxima vez. Até assustei com a idéia, mas depois, pensando bem, achei legal.

Estava mesmo a fim de mudar de vida. Não queria voltar pra maloca. Nem pra coroa nem pros meus irmãos. Queria dar um rumo novo na minha vida. Então o convite do Gibi veio na hora certa.

E nem precisava esperar a casa levantar, mano. O Gibi era um gênio, bastava seguir o plano, que ele chamava de “cavalo doido”.

Foi assim. Mudou a direção da tal unidade, e o cara que assumiu era maneiro. Resolveu fazer os internos suarem um pouco pra diminuir a agressividade.

Avisou que ia ter um jogo de futebol para os garotos considerados não-perigosos. Talvez o assistente social tivesse falado a meu respeito, sei lá: então eu fui incluído na lista e o Gibi também.

O jogo ia ser no campo interno da unidade. Os funças tinham de vigiar uns trinta internos mais ou menos.

Foi aí que entendi o tal do plano...

De repente, no meio do pátio, o Gibi gritou:

— “Cavalo doido”!

Então, a turma disparou em direção ao muro lateral, cada um para um lado para confundir os funças, e eu, claro, botei sebo nas canelas e fui atrás... Corri como se tivesse um pit bull no meu encalço...

Um fez escada pro outro, tipo samba do crioulo doido; a metade conseguiu escapar e ganhar o mundão, enquanto o resto foi apanhado pelos funças. Enquanto a gente corria do lado de fora, eu ainda perguntei:

— E os outros, Gibi?

Ele riu:

— É sempre assim, mano. Uns escapam, outros ficam. No próximo “cavalo doido”, eles podem ter mais sorte.

Achei boa a explicação. A gente era carne e osso agora. E eu devia a minha liberdade ao Gibi.

— Pra onde tu vai agora, “professor”? — perguntou ele, me chamando pelo apelido lá da Febem.

— Estou a fim de formar minha própria gangue, falou?

— Pois eu topo — disse ele. — Preciso descolar uma grana pra ajudar a coroa, que tá doente e não pode mais trabalhar.

— Descolando uns trocados já fico feliz — respondi, meio sem jeito, lembrando da coroa. Nesse ponto, o Gibi era bem melhor do que eu.

O Gibi me peitou:

— Só que desse jeito tu não serve pra chefe, mano. Tem de ser mais afoito, querer mais que os outros, só assim merece respeito, sacou?

— Tu tem toda razão, Gibi — concordei no ato. — Deixa eu esquentar o motor, tô meio enferrujado. Te prepara que a gente vai fazer um “trabalho” pra valer.

— Na mão grande? Senão, só dá pra fazer coisa rala...

O Gibi tinha razão: precisava arrumar um cano para sair na mão grande — como é que ia ser?

Daí me deu um estalo, coisa de “professor” mesmo. Foi por etapas, mas vale a pena contar.

Primeiro fiquei na tocaia e trombei uma guria, de corrente de ouro no pescoço: foi de um golpe só, certo, quando deu por fé, eu já estava longe...

Também trombei umas madames com a ajuda do Gibi. Daí era pôr sebo nas canelas, que dava gosto.

Depois fui vender lá no ourives, meu velho conhecido dos tempos da gangue do Zelão. Até me perguntou pelo pessoal e disse pra continuar levando a muamba que ele comprava tudo. O tacho fervendo não deixava dúvida.

Daí comprei um cano, três oitão de número raspado, por cem reais, aí nas quebradas da periferia... Coisa mais fácil, impossível; é só ter grana.

Tu me acha esperto, mano? Claro que sou. Até a professora lá da escola dizia isso. Era inteligente mas preguiçoso, não tinha incentivo.

Imagine só se eu tivesse nascido branco e rico. Porque descobri que branco/rico o pessoal chama de garoto, menino, rapaz; e negro/pardo/pobre chamam de elemento. Está duvidando? Você ainda é daqueles otários que acreditam em democracia racial aqui no Brasil? Claro que se o cara for negro, mas famoso e rico, melhora bastante, né? Mas sabe que eu ouvi outro dia um professor universitário negro e famoso, que viveu a vida toda

no estrangeiro, declarar que ainda tinha receio de entrar num restaurante de luxo e ser discriminado?

Se eu tivesse nascido numa casa boa, não naquela maloca fedorenta, se meu pai fosse legal, não aquele bebum que batia na gente e na mãe, porque de pai só levei porrada, até que ele sumiu de vez.

Se eu tivesse um pai de verdade pra me cobrar limites, dizer: “toma rumo, meu filho, pra ter um futuro...”, como o cara falou.

A mãe bem que tentou me pôr no caminho certo, ela sempre deu bom conselho. Mas, com a filharada nas costas, trabalhando o dia inteiro, era bem mais difícil do que se tivesse a ajuda do pai, né? Afinal ele também pôs a gente no mundo, não pôs? Ou será que homem pensa que só serve pra fazer o filho e depois a mulher que se vire sozinha. Como é que um sujeito desses consegue pôr a cabeça no travesseiro e dormir... sem saber se os filhos passam fome ou viram bandido.

Até bicho se preocupa com a cria.

Você já viu aqueles filmes que mostram os pássaros levando comida para os filhotes que só fazem esperar, de bico aberto, os pais voltarem? Eu acho o máximo: os pássaros voando quilômetros — quando chegam no ninho eles regurgitam o que comeram direto nos bicos dos filhotes, ali se atropelando pra ganhar a melhor parte.

É sempre assim: seja pássaro, seja um baita leão ou tigre, eles sempre levam comida para as crias nos ninhos, nos esconderijos. Vi uma zebra voltando pra recolher o filhote que estava atrasado; dizem que ela reconhece a cria pelo tipo de listra, pelo cheiro também. Se bicho faz isso, como é que pai ou mãe abandona um filho?

Quando ouço dizer que alguém judia de uma criança, principalmente se é pai ou mãe, eu viro fera. É uma covardia danada, concorda, mano? Depois levam lá pro pronto-socorro, inventando história de que o filho caiu do berço, da escada, se queimou no fogão e por aí... só pra engambelar os médicos — pode uma coisa dessas?

E por falar em criança, eu acho mesmo que o futuro é uma criança, como eu disse lá para o assistente social. Toda criança precisa de carinho, mano, de amor, trocar idéias. Eu não nasci bandido, eu virei bandido. Como a coroa sempre dizia: “pior que pau que nasce torto é pau que vai entortando pela vida...”.

Eu fui entortando pela vida, tenho certeza disso. Você acha que eu gostava de ser menino de rua? Vivendo como cachorro sem dono, jurado de morte? Escondido como bicho-do-mato?

Podia ser tão diferente...

Eu tenho saudade da coroa, dos meus irmãos... Às vezes tenho saudade até da maloca. Tinha muita gente boa morando lá. O pessoal pensa que, em favela, só tem bandido. Pelo contrário: a maioria é gente fina, trabalhadora; mas vive de ordenado mixuruca, não tem dinheiro pra morar em bairro de bacana.

Tem até gambé que mora em favela, porque também ganha uma miséria de salário. Você sabia que um policial americano, lá na Califórnia, além de ter curso superior, ganha uns quatro mil e quinhentos reais por mês, o salário de um coronel brasileiro?

Eu li uma reportagem sobre isso. E sabe o pior da coisa? O policial americano, quando vai pra rua, já deu uns dois mil tiros, conhece o que faz; o policial brasileiro deu quando muito uns duzentos tiros... por falta de munição — dá pra comparar? Chega a ser até covardia esses policiais despreparados, com salário de fome, vivendo na favela, vizinhos dos bandidos que eles têm de enfrentar!

Só podia mesmo dar em motim de policiais, pelo país afora, todos armados e encapuzados feito bandidos, deixando o povo à própria sorte — se os gatos só ficam no muro, os ratos saem sossegados das tocas... Eu conheci bem o esquema, mano, pode crer.

É que, no meu caso, não tive muita escolha. Se até menino bacana entorta com pai dando conselho, sempre presente, imagine eu. Só que menino bacana quando entorta, o pai leva no psicólogo, interna, ou manda para o estrangeiro, onde os gringos dão um jeito nele — há sempre uma esperança, sacomé?

Comigo foi só na porrada e no xingo. Então decidi: se o meu destino era ser moleque de rua, paciência. Ninguém vive sem grana, tinha de trombar ou fazer arrastão... Me diga aí: o que a gente faz, quando não tem mais nada a perder?

De posse de um cano legal, fiquei pensando no que eu ia fazer... Logo bolei um plano.

Sete da noite: hora de bacana voltar pra casa. Tinha muita árvore no bairro chique, a gente ficou perambulando, na penumbra.

Não deu outra.

Chegou o bacana e estacionou na frente da mansão. Aí nós corremos e apontei o cano pra ele:

— Bico calado, senão te apago. Abre o portão.

Ele nem chiou. A gambé mesmo não ensina que é pra não reagir, que o bandido está no comando? Não fazer gesto brusco, não encarar, só obedecer. Gozado, até facilita o serviço da gente.

O bacana desceu do carro e foi abrindo... logo a gente estava dentro da casa. Pegamos todos de surpresa, ninguém reagiu. Eu tremia, confesso, mais que eles. Agora era o boss, uma responsabilidade danada. Mas não podia amarelar bem na frente da gangue.

Tranquei o povo no banheiro, mas antes pedi a chave do cofre, que estava escondido num armário.

Fiz a festa, mano: jóia, grana (que mania que esses caras têm de guardar o milho em casa). O Gibi até arregalou os olhos; dava pra bater baforada e puxar baseado por um mês inteiro...

E o melhor de tudo: dentro do cofre também tinha uma quadrada novinha em folha, prateada, daquelas de dezesseis tiros seguidos, que custa uma nota preta, e com o pente do lado. Nisso a gambé tem razão: quem tem arma em casa, quando assaltado, engrossa arsenal de bandido.

Daí ganhamos o mundo no carrão do bacana mesmo, na maior moleza, rindo... Foi o arrastão mais suave que eu já fiz. Pra comemorar, resolvi procurar a turma da rua, aqueles meus conhecidos do tempo do Zelão.

O destino me esperava. Foi quando eu conheci a Nereide: uma potranca pra lá de jeitosa. Fui com a cara dela e montei mira. Ela também parou na minha, deu pra perceber.

O Gibi não dava sossego, queria logo dividir a muamba. Então, pra me livrar do assédio, fiz a partilha. A maior parte para mim, lógico, afinal agora eu era o boss.

A gangue era pequena. Com o tempo eu ia juntar mais pivete; precisava de um laranja como eu tinha sido. Sempre aparece a oportunidade de uma janelinha aberta, né.

Tinha muito que fazer: vender aquelas jóias todas pro ourives, procurar um lugar pra ficar — de repente me lembrei do Zelão. Ele logo se desfazia do carro, porque a gambé devia estar atrás de nós.

Mas a tentação foi mais forte.

Convidei a Nereide pra dar um rolé de carrão. Ela topou. E como eu estava cheio da grana, a gente se hospedou num motel e transou gostoso. Grana, mano, digam o que disserem, abre todas as portas, ninguém faz pergunta.

No dia seguinte, larguei o carro do bacana numa rua deserta e joguei a chave no mato. E fui tratar da vida. Queria uma gangue legal, como fora a gangue do Zelão, que Deus o tenha.

Escolhi a dedo um pivete magrinho, o Mico, e a Nereide, lógico. E mais dois guris — eu gostei do jeito deles —, o Quindim, especialista em afanar cebolão, o Carrapato, que trombava em buzão e tinha muita experiência. E também o Gibi, claro, meu camarada de fé.

Para não dar muito na vista, arrumei um barraco feito Nego Mano, numa favela perto do centrão. A grana escondi num buraco, dentro de um saco plástico. E o cano enfiei no cinto da calça, para o que desse e viesse...

Enquanto eu escapasse da gambé, e não voltasse pra Febem, estava tudo legal.

Agora estou chegando na parte principal, mano, mas antes quero deixar uma coisa bem clara: eu tinha formado a gangue com os pivetes de rua, mas nem todos os pivetes de rua são bandidos. A maioria não é marginal, vive até com a família, só faz biscates... vendendo coisa, limpando pára-brisas de carros, essas coisas, depois voltam pra casa. Muitos até estão na escola. Mais guris que gurias, porque uma parte delas vai ser doméstica e a outra cuida dos irmãos pra mãe trabalhar.

Com a gangue formada, a gente começou a fazer arrastão nos comerciantes... Eu apontava o cano só pra intimidar, nunca apaguei ninguém, juro pela minha santa mãe. Não tenho alma de assassino, mano. Nem de cachorro eu jamais judiei. E me arrepiava só de pensar que estava sendo procurado por um crime, que o desgraçado do Nego Mano, depois de apagar um pobre pai de família que morreu no cumprimento do dever, pôs a culpa em mim.

Você estranhou o comentário? Talvez, naquele tempo, eu não pensasse assim; mas agora, depois que a minha vida tomou outro rumo, eu me dei conta da barbaridade que é tirar a vida de um ser humano. Eu nunca que ia fazer um troço desses. Só se fosse mesmo em legítima defesa, sacou?

Hoje, eu passo longe de cano, tenho até horror. Se eu pudesse, apagava a minha vida até um certo dia, como a gente apaga caderno com borracha... la ser bom demais.

No barraco morava eu, a Nereide e o Mico, que só tinha dez anos, era ainda um pivetinho. O Quindim, o Carrapato e o Gibi se viravam por fora.

Foi então que começou a acontecer...

Acharam o Dito, um guri de uns doze anos mais ou menos (que às vezes nem o cara sabia a própria idade), morto da Silva, lá perto do lixão, com um tiro certeiro na cabeça. Em volta do tiro, uma marca engraçada, feita a ponta de faca. Parecia até que alguém fizera tiro ao alvo com o pivete.

A gambé foi lá, saiu em tudo que foi jornal. Mas ficou por isso mesmo. O Dito nem tinha família, era um pivete de rua, foi enterrado como indigente, feito o Zelão, naquele caixão barato, em cova rasa, em cemitério de periferia...

Dias depois, todo mundo tinha esquecido o Dito. Ele não fazia falta mesmo pra ninguém neste mundo; se duvidasse, nem pra ele mesmo.

Na semana seguinte, sumiu o Tonho. Foi encontrado também com um tiro na cabeça e a tal marca de faca, rodeando o lugar do tiro.

Com o Tonho já eram dois. Mas o Tonho era também pivete e passava uns bagulhos de vez em quando. Então saiu novamente no jornal, porque jornalista dá plantão lá na delegacia, e o que acontece ele conta tudo.

E assim foi indo... como uma roda-gigante macabra: depois do Tonho, foi o Sumaré, o Alicate, o Risonho, o Zé Treta, a Candanga, o Cafuné — todos eles com tiro na cabeça e a marca feita a faca, em volta do tiro certo.

Aí tudo que era jornal pegou fogo, começou a dar notícia todo dia. Eu lia e guardava só pra ver no que aquilo ia dar. A televisão também mostrava os presuntos, cobertos por jornal, o povo em volta, só olhando... nem era mais novidade.

Quando começou a aparecer presunto toda semana, e até mais, o chefão da gambé teve que se manifestar. E disse para os jornalistas que aquilo era guerra de gangue, que o pessoal estava se matando entre eles, por causa de dívida de crack — a pedra maldita tinha aparecido no pedaço e deixava todo mundo maluco.

Verdade que tinha neguinho que fumava dez, vinte pedras num dia só, no cachimbo improvisado com pote de iogurte, canudo de refrigerante, o que fosse. Queimava até a boca de tanto pipar o tal cachimbo. E, quando batia a nóia, tinha de trombar direto pra comprar mais pedra. Mas às vezes, sem grana, comprava fiado...

Também tinha os aviões que vendiam as pedras e não acertavam depois com os chefes. Então o traficante ia na casa do neguinho e, às vezes, por causa de dez reais, matava o próprio, a mãe, os irmãos, as visitas que tivessem o azar de estar ali, na hora errada. Atiravam até em mulher grávida, em criança, um horror! Só pra dar o exemplo, sacou?

Mas tinha mais coisa no pedaço, não era apenas acerto de traficante, não. E nem era só ali que estava acontecendo, eu li no jornal. Em muitos lugares apareciam presuntos de pivetes, com tiros na nuca, testa, peito, e tudo “de menor”, com dez, onze, doze anos, uma tremenda de uma sacanagem, mano. E a desculpa era sempre a mesma: guerra de gangue por causa de mocó de crack.

Um dia, voltando pro barraco, a Nereide veio me encontrar, chorando:

— Apagaram o Mico.

Me deu até um aperto dentro do peito. O Mico tinha só dez anos! Aquele pivete nanico, cabeçudo, aparentava ainda menos idade. Era como bicho assustado, sempre com fome.

E a Nereide ainda disse que tinham achado o Mico perto do campinho, onde a molecada jogava bola... no meio de um monte de lixo, com um tiro certo na testa.

— E tinha também a marca da faca? — perguntei.

A Nereide confirmou:

— Igualzinho aos outros.

— E pra onde levaram o corpo?

— Lá pro IML. O Gibi viu tudo e me contou. Mas você não tá pensando em ir lá, né? Só se for pirado.

O Mico sempre dizia que a mãe dele morava em alguma maloca da periferia... Será que a gambé ia mandar aviso? Mas, mesmo que eu soubesse onde era, não podia chegar muito perto, a Nereide tinha razão: fugido da Febem, acusado de crime, nem pensar!

Esses casos que eu contei foram de pivetes que eu sabia nome ou apelido e foram mortos da mesma forma; mas perdi a conta de pivete que foi apagado, mano. Cansei de contar.

Era sempre a velha história, e algo me cheirava esquisito. E resolvi me informar, sacomé? O Gibi, meu segundo na gangue, era muito rodado por aí, conhecia muita gente, ouvia muita conversa de pé de ouvido, então pus ele em campo, de ganso...

Eu devia isso pro Mico. Ele não era lixo pra ser descartado desse jeito.

Malandro que é esperto sempre se ajeita, se vira. Fui escutando aqui, recolhendo ali, até soltei uma grana por dedurice, que era mesmo negócio de honra, mano. O Gibi, por seu lado, também foi trabalhando no caso.

E sempre tem gente que posa de bacana, conta vantagem, declara tudo, inclusive os podres. Tinha acerto de traficante no pedaço, claro, como eu já sabia, pra dar o exemplo. Mas a história verdadeira dos pivetes, apagados com tiro na testa e marcados a faca, era bem outra...

O que aconteceu foi que os comerciantes — cansados de serem vítimas de arrastão de gangues — resolveram fazer justiça com as próprias mãos.

Contrataram um grupo de extermínio pra apagar os guris. Assim, na maior, com salário no fim do mês, como nas fazendas havia (e deve ter ainda) os jagunços dos coronéis.

A ordem era só apagar, mas os caras resolveram mostrar competência — além de executar os pivetes, deixavam também o recado: tinha justiceiro no pedaço, com marca registrada e tudo.

A princípio executavam os pivetes mais visados, que os próprios patrões apontavam; depois, pegaram gosto pela coisa e resolveram ser os senhores da vida e da morte... Escolhiam por conta própria, ia tudo de cambulhada, como rede de arrastão de peixe — tinha pivete de ficha limpa, daí? Mais um, menos um, que diferença fazia? Se duvidasse, apagavam até mulher grávida, fazendo o serviço completo: a cria e a fábrica.

E, olha mano, tinha até gambé metido nisso, porque em toda parte tem nego torto, né? Que a troco de bufunfa, ou puro sadismo, não tem limite — não viu aquele médico lá no estrangeiro, um gringo com cara de santo, que atendia em domicílio e matou umas duzentas velhinhas? Quem ia desconfiar, me diga!

Foi aí que a roda do destino virou:

Certa noite, eu voltava pra maloca com a Nereide, quando vi um grupo de justiceiros arrastando três moleques que eu conhecia de vista.

A luz do poste bateu bem na cara dos homens e eu reconheci todos eles. E, pior que tudo, eles me reconheceram também.

Foi como um raio, assim, num instante. Eles avançaram, armas nas mãos, mas demos sorte: nessa bendita hora um carro passou de faróis acesos. O grupo se escondeu atrás de uma árvore e eu e a Nereide saímos na disparada. Foi puro milagre a gente escapar com vida.

Nem precisava ler os jornais no dia seguinte: ia ter mais três presuntos em algum mato por aí... marcados a faca e com tiro certo na testa.

Nessa mesma noite caí no mundo... Só deu tempo de passar no barraco, pegar umas roupas e a grana.

A Nereide, grávida de filho meu, eu despachei, com metade do dinheiro, lá na rodoviária, pra casa da avó dela, no nordeste. Dava pra ela se virar por um tempo. Se ela fosse comigo ia ser muito pior, pois estava jurado de morte, por reconhecer os justiceiros, vizinhos meus lá da favela.

Com a outra metade no bolso, comprei a passagem para o lugar mais longe que eu encontrei, onde o Judas perdeu nem foram as botas, foram as meias... Desculpe, mano, não estou depreciando esta cidade, mas que isto aqui é um fim de mundo, ah, isso é.

Deus me ajudou que a mãe tinha me obrigado a tirar o documento de identidade na marra, quando eu ainda vivia com ela. Santa mãe. Pelo menos eu tinha um RG pra tentar recomeçar a vida, sem precisar puxar ficha de bons antecedentes. Aí ia melar feio.

Durante a viagem eu tive muito tempo pra pensar na vida. Veio-me até um poema na cabeça, que eu gostei tanto que até decorei:

Aviso aos excluídos:

o tempo da alforria chegou.

Os sonhos não têm limites

— incontáveis como grãos de areia...

Gostou da palavra “excluído”, mano? Mas é justamente assim que eu me sentia, sozinho dentro daquele buzão cortando a noite em direção ao desconhecido... Aliás, como eu sempre me senti na vida: excluído!

E todos aqueles que foram executados pelos justiceiros eram iguaizinhos a mim... Aquele esquadrão da morte, ou o que quer que fosse, não tinha o direito de sair apagando os pivetes como se fossem bichos doidos — me dava uma revolta só de pensar na morte deles e, principalmente, no Mico... A morte do Mico eu jamais perdoei!

Eu podia até pedir proteção da gambé, acho que era do meu direito, afinal eu era uma testemunha importante dos assassinatos. Mas quem me garantia? Depois que eu reconheci os caras... Não adiantava um me proteger e outro querer me executar. Meu destino estava selado e eu só podia mesmo fugir porque sabia demais.

Aquela luz do poste mudou toda a minha vida, mano!

E sabe da maior? Eu só posso agradecer. Foi como uma luz divina, porque foi a partir dali que eu resolvi mudar a minha vida.

Eu aqui falando e você gravando... é importante pra mim contar tudo isso. Você decide se quer fazer uma reportagem de jornal ou escrever um livro. Minha história é igual a de tanto pivete; contando a minha vida é como se contasse a de uma multidão.

Eu fico olhando pra você e pensando: a história desse cara é bem diferente. Vida de garoto bacana como aqueles que eu via saindo das escolas, às vezes até com pai ou mãe esperando no portão, num baita carro, lindeza.

É ou não é? Acertei ou não? Quer ver como eu conto a sua história direitinho, mano?

Começa que você nasceu branco. Ajuda, né? Você sabe que ajuda. Você era chamado de garoto, menino, jovem... Agora, nós, os escurinhos, somos todos chamados “de menor”, como se a gente fosse uma multidão de miseráveis, de párias.

Você tem pai? Quer dizer, eu também tenho, todo mundo tem, ninguém nasce de planta. O que eu quero dizer é se você teve pai por perto, cuidando da família, dando bom exemplo.

Se o seu pai estava lá bonitinho, na hora da xepa, chegando na hora certa em casa, passando a mão na cabeça da gurizada, beijando a mãe; podia brigar de vez em quando, mas estava lá. Essas coisas simples, rotineiras, mas tão importantes pra uma criança. Falem o que quiserem, o que um guri ou guria quer mesmo é pai e mãe juntos, pra dar aquela sensação boa de segurança, dormir um sono de anjo, sem preocupação nenhuma.

Lógico que tem garoto bacana que o pai não vive com a mãe, são separados; não estou dizendo que basta ser rico pra não ter problema. Corta essa! Mas, mesmo vivendo em outra casa, porque geralmente criança fica com a mãe, não é mesmo?, o pai se preocupa com ele, vem de visita, o garoto sabe que pode contar com ele quando necessário.

Mas eu não sou besta, fico de olho aberto pra essas coisas: a maioria dos pivetes (lá na Febem) era caçula como eu, ninguém tinha pai por perto, tudo sumido por esse mundo de Deus... A família (como é que eles dizem mesmo?) desestruturada — acertei, mano?

Eu posso até garantir que o seu coroa era legal. Que colocou você numa boa escola, onde você comprava merenda na cantina: refrigerante, sanduíche, sorvete... Voltando pra casa, comia xepa das boas, com direito até a repetir.

E quando chegava o Natal... fazia um big pedido pro velhinho. Quando amanhecia, encontrava tudo lá na árvore. Pacotão bonito, embrulhado em papel dourado ou prateado, amarrado com fita vermelha.

Assim é fácil viver, mano, até eu, até eu! Comigo foi sempre no xingo e na porrada, o pai já chegava berrando e batendo... Dizia que assim todo mundo chorava e ia dormir, esquecendo a fome e deixando ele em paz.

Sabe o que eu acho agora, depois de pensar muito no assunto? Que a bebida era o refúgio dele, a defesa daquela vida miserável que a gente levava. Ele vivia desempregado, não dava sorte. Arranjava emprego, o patrão ficava na pior, despedia todo mundo, às vezes nem pagava os atrasados, tinha de ir na justiça do trabalho reclamar os direitos — mas se o cara não tinha dinheiro pra nada, a coisa melava, né.

Daí a mãe foi trabalhar e a coisa melhorou um pouco. Mas não era como na sua casa, não, companheiro. Você pensa que eu comia carne todo dia? Eu via a cor da carne quando muito uma vez por mês, e mesmo assim de segunda.

O resto era o velho arroz/feijão, o mesmo feijão ralo da dona Maria, a vizinha. E fruta? Quando é que eu via cara de fruta? Às vezes umas bananas... ou então se eu catava as frutas deixadas no fim da feira.

Eu comia mesmo com os olhos eram os anúncios da televisão, me davam água na boca, eu até sonhava com aquelas gostosuras: iogurte, sorvete, sanduíche cheio de andares como prédios de apartamentos. Eu daria um dedo por aqueles sanduíches!

Usava um boot velho que a patroa da coroa mandava, herdado dos filhos dela, ou então havaiana de dedo; short ou camiseta puída que a coroa não se cansava de remendar. E quantas vezes não dormi, por causa de dor dente; enquanto pivete, eu nunca fui ao dentista, cara!

Coitada da mãe: o aluguel do barraco era caro pra burro, levava quase todo o salário dela, não sobrava quase nada. Os salários dos meninos eram pra xepa e a conta de luz, e ainda tinha a condução de quebra.

Aí chegava o Natal, mano.

Um dia, eu fui a um shopping ver o Papai Noel, que a galera dizia que era legal. Estava perambulando mesmo, não custava nada.

Fiquei doidão com o Papai Noel. Aquelas barbas brancas, a roupa vermelha, o sino na mão. Ele me encarou e perguntou, sorridente:

— Ei, garoto, o que você quer de Natal?

Até perdi a fala. Fiquei fora de mim de tanta emoção. Depois nem sei como, respondi:

— Ah, Papai Noel, eu queria tanto uma bicicleta!

— Uma bicicleta, filho? Você vai ganhar, espera que o Papai Noel leva pra você na noite de Natal.

— Mas o senhor sabe onde eu moro? — arregalei os olhos, não querendo acreditar em tanta felicidade.

— Claro que eu sei. É só esperar.

Os sinos cantaram todos na minha cabeça: que Papai Noel legal! Eu ia ficar cada minuto a partir dali esperando a noite de Natal. E ainda saí contando pra todo mundo: “Vou ganhar uma bicicleta do Papai Noel, ele garantiu”.

Na noite de Natal nem dormi, fiquei de vigia, esperando Papai Noel chegar. Não tinha chaminé lá no barraco, como nas histórias, mas que ele viesse pela porta mesmo, não fazia mal.

Cansei de esperar.

Quando o dia amanheceu e a coroa foi passar o café, eu estava chorando, encolhido num canto, a camiseta molhada das lágrimas...

Desde esse dia não acreditei mais em nada.

Descobri que era diferente: escurinho, pobre, morava em maloca, não tinha bicicleta nenhuma no Natal. As bicicletas, os brinquedos das vitrines do shopping eram para os meninos bacanas que moravam em casas bonitas, iam pra escola de barriga cheia.

Por isso cresci revoltado, sacou? Por que eu não era como os outros garotos? Que é que eles tinham melhor do que eu? Não era tudo gente, e gente não devia ser igual?

Então, quando começaram a apagar os pivetes — e muitos nem tinham feito trombada ou arrastão, se viravam por aí fazendo biscates, aproveitando o calor das bocas de lavanderia dos hotéis de luxo, quando fazia frio —, me deu aquela raiva, aquele horror!

Ainda mais quando vi a cara dos justiceiros... Devia ter um monte igual a eles. Em cada bairro de periferia, em cada cidade, organizados pra matar pivete, tipo esquadrão da morte.

Você está dizendo que até os gringos sabem disso? Que volta e meia mandam gente daquela organização... — como é mesmo? — dos Direitos Humanos para falar com o presidente? Os gringos devem achar isso a maior loucura, tô certo? Essa execução de guri.

E como pivete é o que não falta... Já imaginou se eles resolverem apagar todos eles? Como é que fica?

Penso nisso demais... mesmo depois de todo o tempo que vivi aqui, nesta cidade.

Acho que, em vez de acabar com a miséria, preferem acabar com os miseráveis — como se alguém tivesse uma ferida no dedo, então, em vez de tomar remédio pra curar a ferida, cortasse o dedo fora com a navalha.

Se isso pega, vai ter de recolher pivete de caminhão, como se fosse lixo mesmo, porque vai ter muito que matar...

E o pior, mano, é que tem gente que pensa assim: é pivete, não faz falta. Agora se fosse filho deles, irmãos deles, iam pensar diferente, não iam?

De vez em quando me dá um desânimo... mesmo tendo achado rumo na vida, a luz no fim do túnel. Por isso é tão importante a gente fazer esta entrevista, trocar idéias, porque do jeito que a coisa está, não dá mais pra ficar. Essa pivetada toda por aí não é bicho. E, pra falar a verdade, tem muito bicho mais bem tratado que eles.

Durante aquela viagem de buzão, que durou a noite inteira, eu tive muito tempo pra pensar na minha vida. Do jeito que eu ia, se escapasse de ser executado por justiceiro, ia me meter em encrenca grossa e acabava morto de qualquer jeito.

E a Nereide? E o meu filho na barriga dela? Ia nascer por aí, em alguma maternidade que atende mulher pobre, mas depois, com certeza, ela se mandava pra rua de novo com o bebê — isso se não desse o filho recém-nascido pra alguém cuidar, como acontece tantas vezes.

E continuava a mesma história de antes: criado na rua, pronto pra virar pivete. Eu reclamava tanto do meu pai, mas o que eu estava fazendo com o meu filho era muito pior: ele estava sendo abandonado mesmo antes de nascer, e nem ia conhecer o pai.

Acho que é isso aí o que o cara me perguntou lá na Febem: “O que é o futuro pra você, Lenilson?”. A criançada criada na rua também vai ter filho, neto... vai precisar de muito justiceiro pra executar todos eles.

Lá no buzão, varando a estrada no meio da noite, sem saber aonde eu ia parar, eu me senti sozinho como nunca estive antes. Uma solidão que doeu na carne, mano.

Eu tinha escapado de tanta coisa, de certa forma eu era um vencedor!

Tinha uns carinhas que tomavam baque na veia, sacomé, a branca, a farinha. Escapei por pura covardia, desde moleque tenho pavor de injeção.

Quando a coroa me levava no posto, precisavam uns cinco pra me segurar enquanto um aplicava a vacina ou remédio. Era um berreiro tão grande que chamava a atenção.

Quando a gangue se reunia, e eu via a tal da seringa com a baita agulha passando de braço em braço... com aquela pasta sangrenta dentro, eu amarelava; fugia como burro solto no pasto. Isso me salvou!

No afã do baque, no desespero da droga, eles nem trocavam seringa, nem nada; quando muito lavavam mal e mal. Mas, para pegar a veia, mano, saía sangue de cada um, que ia misturando com o sangue dos outros. Então, o último a tomar o baque tomava também um coquetel do sangue da gangue inteira — se um tivesse o tal vírus da Aids (só pra falar no pior), num instante a gangue inteira estava contaminada.

E o crack, então, aquela pedra maldita? Pipava uma semana, no máximo, um mês, ficava viciado. Tudo na “nóia”, pensando na próxima pedra. Por ela, faziam qualquer coisa: roubavam, matavam... E, de tanto pipar, a gurizada fazia umas feridas feias na boca, por causa das queimaduras. Se também usassem o cachimbo dos colegas, corriam o mesmo risco de pegar Aids, hepatite, como quem tomava o baque na veia. Eu até ouvi dizer que estavam pensando em distribuir umas camisinhas de cachimbo pra quem fosse dependente da pedra — já pensou?

Morreu tudo por aí, fiquei sabendo, principalmente de problemas de pulmão e de coração, alguns até se suicidaram. Me deu uma pena! E um calafrio também, podia ser eu, o que me salvou foi o medo.

Só fiquei puxando bagulho ou dando fungada, que a pivetada faz de tudo, cheira até acetona e esmalte da mãe, cara.

Não estou posando de herói, nem me justificando, podia ser até pior. Pra ser sincero, eu às vezes sinto saudade do pai...

Coitado, ele não era ruim, era doente. Também precisava de ajuda e não teve — se escondeu nos botequins da vida, se enchendo de manguaça, por desespero, medo, tudo junto, sei lá. Então, quando não agüentou mais, sumiu por aí...

Naquela noite em que passei dentro do buzão, cara, de tanto desespero e solidão, lembrei quando eu era pequeno e a mãe dizia:

— Fala com Deus, Lenilson, ele é o nosso Pai!

Eu levava a coroa na gozação: “Que Pai, coisa nenhuma! Se Deus fosse Pai mesmo, não deixava acontecer tanta coisa ruim no mundo, pô! Gente passando fome, morando debaixo de viaduto, criança que já nasce doente, guerra, ganância, exploração. Onde estava Deus nessas horas?”.

Mas ali estava eu, tão órfão de tudo, perdido, miserável, fugido de jura de morte. Então achei que tinha chegado a hora de levar um lero bravo com Deus! Fosse Ele um Deus barbudo e cruel, ou um Deus maneiro, tão jovem quanto eu, por que não? Podia ser até que Deus fosse uma coroa feito a mãe, sofrida e cansada. Era até um consolo pensar em Deus feito Mãe.

Peitei Deus, mano!

Falei principalmente do pai. Você já percebeu, o pai é a espinha engasgada na minha garganta. Por que, Deus podia dizer, eu não tinha nascido em casa mais legal, com pai que desse exemplo?

Por que era pivete de rua, perseguido pela gambé, com crime nas costas que nunca cometi? Se ele era Pai, pô (ou Mãe, melhor ainda), devia estar careca de saber que eu era inocente. E Ele/Ela fazia o quê?

Falei um tempão com Deus, desabafei mesmo. Tempo é o que me sobrava. E queria que Ele/Ela falasse comigo, você acha estranho? É isso mesmo, eu pedi, eu exigi que falasse comigo. Me desse uma luz! Se existia mesmo um Deus, estava na hora certa de se manifestar.

Deus ficou em silêncio, um silêncio que doeu dentro de mim.

Então, de repente, eu olhei pra fora da janela do buzão e percebi que já estava amanhecendo... O céu virava uma colcha de retalhos colorida, enquanto o sol surgia, majestoso, lá no horizonte.

Era um espetáculo lindo, mas tão lindo, que eu fiquei deslumbrado, mano, só olhando aquelas cores divinas se espalhando pelo céu...

Me deu um troço por dentro, como se também uma luz acendesse dentro de mim! E eu pensei: “É isso, cara, se depois de cada noite vem o dia você pode fazer a mesma coisa com a sua vida; se antes era noite, agora é dia”.

Foi aí que eu jurei pra mim mesmo que ia ser um novo Lenilson. Chegava de só reclamar da sorte, de ter um pai irresponsável. Agora era a minha vez,

porque eu também ia ser pai. E queria mostrar para o meu filho que ele podia contar comigo em qualquer situação, porque eu decidi, naquele momento, me transformar num cara do bem.

— Falando sozinho, meu filho? — sussurrou repentinamente alguém no meu ouvido.

— Ahn, o quê...? — Até assustei. Ao meu lado, um senhor de idade me olhava, sorridente:

— Bom-dia, rapaz, desculpe interromper seus pensamentos. Mas pra que cidade você vai?

— A última parada do ônibus — respondi, ainda meio atrapalhado.

— Puxa, que coincidência, é a minha cidade. Você tem parentes por lá? Engraçado, não me lembro de você... em cidade pequena, todo mundo se conhece — despejou o homem, de uma vez só.

— Não, eu sou da capital, estou de mudança, me disseram que a sua cidade era legal, resolvi dar um giro pra conferir — menti.

— Sei — ele me olhou curioso. — Cidade grande é perigosa, não é? Eu também estou vindo de lá. Fui comprar material pra minha oficina. Mas ando morrendo de medo pelas ruas, sabe como é, aqueles trombadinhas... Um velho como eu tem de tomar cuidado.

— Nem diga — concordei, envergonhado. Então era isso o que eu fizera até aquele momento: trombar mulher, velho... Eu era uma “maravilha” mesmo, devia até ganhar medalha pela minha covardia.

Se o homem soubesse quem estava ao lado dele, era capaz de ter um ataque!

Mas ele gostava de conversar, e, de certa forma, foi um alívio pra passar aquelas horas que não terminavam nunca.

— Você então nem tem parentes na cidade? — ele insistiu, sempre curioso.

— Ninguém.

— Então já arrumou emprego e vai assumir a vaga?

— Negativo.

O velho arregalou os olhos:

— Vai chegar assim, de mãos abanando, numa cidade estranha, sem parentes nem nada, nem emprego, filho? E do que, desculpe a intromissão, você vai viver?

— Vou arrumar um emprego — eu falei, sem pensar, e ao mesmo tempo assustei com a resposta. Que emprego, meu? O que eu sabia fazer, além de trombar pedestre e fazer arrastão em casa e apartamento?

Parece até que o homem leu os meus pensamentos, porque perguntou:

— E qual é a sua profissão?

Pensei, antes de responder: velho xereta. Eu não tinha obrigação de dar conta da minha vida pra ninguém; pegara o buzão pra ir o mais longe possível justamente pra me livrar de pergunta. Mas ele era morador antigo da cidade, que eu agora sabia era pequena. Se ficasse na dúvida, aí mesmo que não ia encontrar emprego nenhum.

— Sabe como é, cidade grande, a gente faz um pouco de tudo. Eu tinha um barzinho pra vender uns lanches, bebidas, mas abriram uma big lanchonete bem do lado, não agüentei a competição. Depois a minha garota foi embora pro nordeste, morar com a família. Então desisti de tudo e resolvi vir para o interior ver se tenho mais sorte.

— Fez bem, meu filho, fez bem. Você é jovem, tem futuro. Além de ser dono de bar, o que você sabe fazer?

— Eu sei lidar com madeira, fui aprendiz de marceneiro — dessa vez, falei a verdade.

O velho abriu um sorriso:

— Mais outra coincidência, meu filho! Eu sou marceneiro, tenho uma oficina.

— Ah, é? O que o senhor faz, móveis?

Ele continuava sorrindo, e, engraçado, era daquelas pessoas que sorriam também com os olhos.

— Não; eu sou um luthier...

— Não tenho a menor idéia do que seja isso...

— Luthier é quem faz instrumentos musicais.

— Como? — estranhei.

— Violão, viola, cavaquinho, bandolim... eu já fiz até violino, sabia? — explicou ele. — Tudo por encomenda, artesanato puro, na realidade uma arte chamada de lutheria. Tenho o maior orgulho do meu trabalho. Sabe que até artistas famosos tocam os instrumentos que eu faço?

— Nossa, que beleza! Eu nem fazia idéia... Pensei que os instrumentos fossem feitos em fábricas...

O velho fez um muxoxo de desdém:

— Claro, há fábricas que fazem instrumentos como carros, em série; mas um instrumento musical feito à mão, talhado com carinho... ah, meu filho, esse tem alma, pode crer!

— E o senhor aprendeu com quem?

— Com meu falecido pai, que, por sua vez, aprendeu com o pai dele, lá na Itália. Somos uma raça em extinção, por isso recebo encomenda do país inteiro.

Eu estava cada vez mais interessado na coisa. E o homem devia gostar muito de ser luthier, porque, quando falava, os olhos dele brilhavam de pura emoção.

— Deve ser legal pegar um pedaço de madeira bruta e transformar essa madeira num violão, por exemplo. Que trabalho bonito o seu — comentei, curioso.

— Nem diga, meu filho, nem diga! Pena que nenhum dos meus filhos quis seguir a mesma profissão. Saíram todos da cidade, foram estudar em faculdades. Sabe que eu tenho filho médico, filha advogada e o caçula é piloto de avião? O que eu sinto mesmo é que essa arte, depois de tantas gerações, vai morrer comigo...

— ...mas o senhor poderia ensinar pra outra pessoa — interrompi. — Um aprendiz que também gostasse de madeira, sentisse amor pelos instrumentos.

— Quem, meu filho, quem? E você pensa que eu já não procurei? A juventude só quer ir pra cidade grande estudar e depois ganhar dinheiro. Quando chegar à cidade verá que a maioria dos moradores é gente idosa ou então crianças. É só crescer que vão todos embora.

Foi aí que me bateu uma inspiração, sei lá, mano, e falei quase sem pensar:

— Pois eu fiz o contrário, vim atrás de sossego e de fincar raiz num lugar pacato. Se o senhor me aceitar, eu posso ser esse aprendiz.

— Será? — Ele duvidou.

— Pode acreditar. Se me der essa oportunidade, prometo que não vai se arrepender.

Ele me olhou fundo nos olhos. Depois falou:

— Pense melhor no assunto. Amanhã você me procura. Meu nome é Giuseppe; cidade pequena, todo mundo sabe onde eu moro.

Foi assim, mano, que a minha vida mudou, da noite para o dia.

Desci do buzão, acenei para o seu Giuseppi, e fui procurar a pensão que ele me indicou. A dona era viúva, a casa humilde, mas muito limpa, e ela servia refeições.

Por sorte ainda me sobrara alguma grana. Eu só trouxera uma maleta com roupas, mas não precisava mais que isso. A gente vive com pouco, mano, basta uns objetos de higiene, cama pra dormir com roupa limpa e travesseiro decente. Além da comida, claro. E vontade de ir à luta.

No dia seguinte, me informei na farmácia (onde se sabe de tudo em cidades do interior) e fui até a oficina do luthier.

O cheiro de madeira me acolheu como velho conhecido. Havia instrumentos musicais espalhados por todo o lugar; alguns apenas começados, outros já com o verniz secando, uma curtição.

Foi amor à primeira vista, mano. Amei aquilo de paixão! Faz quase quatro anos que eu vivo aqui. Aprendi os rudimentos da lutheria, mas tenho ainda muito a aprender; é uma arte feita de paciência, de dedicação. Eu diria que chega a ser uma forma de amor. É como fazer uma coisa viva, mano — quando a gente encorda o instrumento, e alguém finalmente extrai música dele, dá uma big emoção!

Continuo morando na pensão, mas às vezes filo a bóia da mulher do patrão, gente finíssima. Os filhos também são gente boa, quando aparecem de visita me tratam com respeito e carinho. De certa forma é como se eu tivesse ganhado uma nova família.

Às vezes eu ligo pra coroa, só pra ela saber que eu estou vivo e bem, mas não dou endereço nem nada, por precaução. Como tenho salário e gasto certo, sempre mando uma grana pra ajudar nas despesas. Meu sonho é um dia tirar a mãe do batente, coitada.

Da Nereide não tive notícia, mas não foi por falta de tentar, mano. Mas é difícil, porque não tenho referência nenhuma, nem endereço ela deixou. Então não posso escrever carta ou mandar telegrama. Podia telefonar que seria até mais seguro — mas pra onde?

Meu filho, se nasceu, está agora com uns três anos: já deve estar correndo por aí, falando quase tudo. Será que ele aprendeu a dizer “papai”?

Às vezes eu sonho que estou chegando em casa, e a Nereide vem correndo, com nosso filho nos braços, pra me receber... Acordo molhado de suor, e até choro, não tenho vergonha de dizer.

Algum dia eu vou encontrar a Nereide. Será que ela ainda espera por mim? Só desejo que ela não tenha me esquecido ou, muito pior, esteja vivendo com outra pessoa, a quem o meu filho vai chamar de pai.

Enquanto isso vou tocando a vida... Por influência do seu Giuseppi, que é um homem muito bom, eu até voltei a estudar, no curso noturno. Quero

dominar bem as letras para escrever uma carta bem bonita para a Nereide e o meu filho.

A gente se conheceu por acaso, não foi?

Você apareceu na oficina, vindo lá da capital, com um amigo músico, que foi encomendar um instrumento. Acabou ficando amigo, contando que era jornalista e estava fazendo uma reportagem sobre garotos de rua e internos da Febem. E se ligou tanto no assunto que pensava até em escrever um livro...

Foi aí que me deu o estalo: se eu contasse a minha vida pra você, além de dar o meu recado, quem sabe também era uma forma de encontrar a Nereide mais o guri. Ela podia ler, sei lá, e, mesmo com o nome trocado, claro que ia descobrir que era eu — pelo menos também ficava sabendo que ainda estou vivo e bem, e que o nosso filho tem um pai que jamais se esqueceu dele.

Quanto ao meu patrão, não tem problema. Faz tempo que eu me abri com ele. Não fazia sentido enganar um homem que eu considero o meu segundo pai.

O mais curioso foi que, depois de ouvir a minha história, ele apenas sorriu e disse:

— Eu já desconfiava disso tudo, Lenilson. Mas toda pessoa merece uma nova chance. Eu apostei em você e não me arrependo.

Antes que eu me esqueça, mano, conto com o seu silêncio: é questão de vida ou morte. Depois, como você mesmo falou, jornalista que se preza não entrega a fonte da notícia, não é mesmo?

Então nada de foto, e Lenilson fica sendo o meu nome artístico. Como eu disse, não nasci bandido, virei bandido. Mas, agora, deixei de ser um excluído da sorte. Eu faço o meu destino: sou Lenilson, o luthier. Um cara do bem.

Nisso eu fecho questão e não abro.

Bibliografia de apoio ao texto

Reportagens/Entrevistas da Folha de S. Paulo:

Repressão amplia limites da cracolândia. 11 abr. 1999. Caderno São Paulo - 3 - 8 - 9.

Educador responsabiliza pais e escolas por delinquência. 10 maio 1999. Caderno Brasil - 1- 12.

Quase um milhão sem escola e sem trabalho. 24 jan. 2000. Folhateen. Capa - 3.

Morte violenta persegue usuário de crack. 30 maio 2000. Cotidiano. C - 6.

Febem é a que mais desrespeita o estatuto. 11 jul. 2000. Cotidiano. C - 8.

FEBEM — 17 adolescentes pulam o muro e escapam do complexo do Tatuapé. 29 dez. 2000. Cotidiano. C - 7.

LG abandona o tráfico e “recria o mundo”. 14 jan. 2001. Cotidiano. C - 11.

Furacão 2001 — Funk carioca desce o morro e invade SP. 9 fev. 2001. Folha Ilustrada. E - 1.

Tendências/Debates: Outra Chance — Hélio Mattar. 1º jul. 2001. Opinião - A - 3.

Reportagens em revistas:

Especial: Somos todos reféns, p. 86 - 93. Veja. 7 fev. 2001.

Gravidez — Precoce e Desejada, p. 72-73. Isto É. 17 jan. 2001.

NASCIMENTO, Gilberto. Infância — Miséria Itinerante. Isto É. 18 jul. 2001.

Gírias utilizadas no texto

Agir na mão grande assaltar com arma de fogo

Amarelar acovardar-se

Apagar matar

Arrastão furto ou roubo

Avião pequeno traficante

Barato sensação de prazer após o uso de drogas

Baseado/bagulho/bruxo/fumo/erva cigarro de maconha

Big grande

Bonde transferência de unidade da Febem

Boot tênis de grife

Boss chefe

Branca/farinha/pó cocaína

Buzão ônibus

Cabeção usuário de maconha

Cabrito revólver colocado na mão do menor para inculpá-lo pelo crime de um maior de idade

Cachorra garota liberada que só se relaciona com funkeiros, ficando com mais de um de cada vez

Cano revólver

Cavalo doido corrida desabalada e repentina pelo pátio, para confundir os monitores, enquanto os internos pulam o muro de uma unidade da Febem

Cebolão relógio de pulso

Chavecar namorar

Chaveco namoro

Cola encostar a testa na parede antes do espancamento

Coroa pai ou mãe

Croca/coro espancamento

Dar uma baforada fumar maconha

Dar uma fungada cheirar cola ou outro inalante qualquer

Dar um rolé circular, passear

Elemento jargão policial para denominar um suspeito de crime

Encarar enfrentar

Funças funcionários/monitores da Febem

Funk música com batidas pulsantes e letras eróticas. Saída dos morros cariocas e da periferia paulistana, conquista as boates da moda, atraindo jovens da classe média e alta

Gaiato/Zé Mané idiota, otário

Gambé polícia, policial

Gangue quadrilha de jovens

Ganso informante

Garanhão namorador, promíscuo

Grana/milho/bufunfa/cascalho dinheiro

Gringo estrangeiro

Guimba toco de cigarro

Jega cama

Jumbo coisas levadas pela família aos internos da Febem

Laranja pivete que entra pelos basculantes ou vai de entregador, facilitando a ação da gangue

Levantar a casa rebelião

Maloca favela

Manguaça pinga, cachaça

Mano irmão, companheiro

Mina garota

Mocó lugar onde se reúnem dependentes de drogas para consumi-las

Montar mira cantar, seduzir

Mundão lado de fora do muro da Febem

Mutreta ato ilícito

Nóia reação do organismo ao crack; um tipo de paranóia, aliada à grande ansiedade por mais pedras

Pancadão batida do funk, pulsante e “irada”

Parar na minha retribuir a cantada

Perambular andar sem destino

Perverso escolado

Pipar fumar crack em cachimbos improvisados

Piranha menina promíscua ou oportunista, que faz qualquer coisa por dinheiro e fama

Pivete moleque de rua

Privacidade pessoa

Potranca garota gostosa, popozuda

Quadrada pistola 380 ou 9mm

Quiaca confusão

Tomar um baque aplicar cocaína na veia

Tranca ficar preso na cela o dia todo

Três oitão revólver calibre 38
Treta enganação, malandragem, mentira
Trocar idéias conversar, dialogar
Trombada assalto contra pedestres
Veneno situação ruim
Verdinhas dólares
X ou Barraco cela
Xepa comida servida em quartel e reformatórios

Tchekhov, o grande escritor russo, quando um jovem autor lhe perguntou sobre o que deveria escrever, respondeu: “Canta tua aldeia que cantarão o mundo...”.

A televisão só foi implantada no Brasil, em 1950, quando eu tinha 12 anos. A distração era o rádio, e o esporte nacional, olhar pela janela, não apenas para “ver a banda passar”, como na música de Chico Buarque, mas para “ver a vida”... Baixinha, eu precisava de um suporte de madeira para alcançar o peitoril da janela. E lá ficava durante horas, olhando o mundo... Pela vida afora continuei “olheira”, a “menina pasmada”, como diziam meus familiares. Com o tempo, descobri que isso é uma das características de um escritor ou criador.

Criador é aquele que cria, melhor dizendo, recria a vida. E qual melhor forma (além de ler compulsivamente para entender como outros criadores fazem isso também) de se tornar um escritor, senão observando a vida (e escrevendo para formar um estilo próprio e original) em tempo integral?

Lenilson é um das centenas ou milhares de garotos excluídos pela sorte que podem ser vistos em qualquer farol, de qualquer rua, de qualquer bairro de São Paulo — esta cidade é minha “aldeia”! Eu precisei de 80 páginas para descrever minha aldeia. Mas um grande poeta, Carlos Drummond de Andrade, usou apenas 5 versos:

“Sorrisos para as mulheres bojudas que passam como cargueiros adernando,

sorrisos sem interesse, porque a prenhez as circunda.

E levamos balões às crianças que afinal se revelam,

vemo-las criar folhas e temos cuidados especiais com sua segurança,

porque a rua é mortal e a seara não amadureceu”.

(Ciclo, Antologia Poética, Edições Sabiá, 7. ed., 1962, Rio de Janeiro, RJ)

Sobre o ilustrador

Rogério Soud ganhou o XIX Prêmio Abril de Jornalismo, em 1993, de melhor desenho na categoria quadrinho. Em 1998, recebeu a Menção Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

